

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ANIMAÇÃO DA LEITURA

*Palavra, a herança de um povo – o encontro
Intergeracional através da Literatura Popular*

Juliana Alexandra Martins dos Santos, Palavra a herança de um povo- o encontro Intergeracional, através da Literatura Popular, 2015

Trabalho de projeto apresentado à
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
para obtenção do grau de

Mestre em Ciências da Educação

Especialização em Animação da Leitura

Por **Juliana Alexandra Martins dos Santos**
Sob Orientação da **Professora Doutora Joana Cavalcanti**

outubro, 2015



*Palavra, a herança de um povo – o encontro Intergeracional através
da Literatura Popular*

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação:
área de especialização em Animação da Leitura realizado sob a
orientação científica da Professora Doutora Joana D. Mendonça
Cavalcanti.

Juliana Alexandra Martins dos Santos

Porto

2015



Dedico este trabalho aos meus Pais e ao José pelo apoio e carinho ao longo desta caminhada.

RESUMO

Nos finais do século XIX e início do século XX surge, por parte de alguns escritores, uma preocupação na recolha e preservação do património oral e tradicional. Entretanto, é possível afirmar que tal património tem sido frequentemente esquecido e desvalorizado, sobretudo nas escolas, mesmo estando contemplado nos programas do Ensino Básico. Assim, nasce o projeto intergeracional “Palavra, a herança de um povo- o encontro Intergeracional através da Literatura Popular” que pretende aproximar gerações e estimular a preservação do património oral e tradicional. Contamos com um grupo de narradores seniores e um de recetores, as crianças em idade pré-escolar pertencentes a uma Instituição Particular de Solidariedade Social do concelho de Barcelos. O foco de estudo são as lendas da cidade de Barcelos, pois alguns dos nossos objetivos situaram-se em dar a conhecer às gerações futuras as narrativas locais que fazem parte da sua história, bem como promover o (re)conhecimento das raízes culturais.

Para a realização do nosso estudo recorreremos à metodologia de investigação de natureza qualitativa, nomeadamente um estudo de caso, visto que poderíamos observar com profundidade para alterar uma situação a partir de uma realidade já conhecida por nós.

Procuramos defender que o Popular / Oral / Tradicional é capaz de cativar as diferentes gerações e se constitui num belo instrumento para a construção identitária de um grupo, além de ser um espaço de aprendizagem da leitura. Por outro lado, compreender as características geracionais de distintos grupos dá aos educadores uma perceção sobre como os estudantes de diferentes gerações aprendem. Cada geração tem seu próprio conjunto de valores, ideias, ética e cultura. Entender essas diferenças geracionais pode nos ajudar a entender e preparar o futuro através das narrativas que integram a nossa experiência e construção como cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Popular, Literatura Oral, Literatura Tradicional, lendas de Barcelos, intergeracional, crianças e seniores

ABSTRACT

At the end of the nineteenth century and early twentieth century some writers worried about the gathering and preservation of the oral and traditional inheritance. Nowadays the oral and traditional inheritance is not as appreciated as it should be, it is almost forgotten, despite the fact it is included in the programmes of Basic Education. Thus was born an intergenerational project - word, the heritage of a people against the intergenerational, which aims to approximate generations and promote the preservation of oral and traditional heritage of a region. We have senior narrators and preschool age children belonging to a private institution of social solidarity. The focus of the study are the tales of the city of Barcelos, some of our objectives ranged themselves in for future generations that are part of its history and to promote the re knowledge of cultural roots.

In methodological terms the study is part of a qualitative research-case study, including a case study we could observe with depth to change a situation from a fact already known.

We seek to prove that the Popular/Oral/Traditional Literature is able to approach different generations. Understanding generational characteristics gives educators insight into how students from different generations learn best. Each generation has its own set of values, ideas, ethics, and culture. Understanding these generational differences can help us understand the future, through the narratives that integrate our experience and construction as citizens.

KEYWORDS: Popular Literature, Oral Literature, Traditional Literature, Tales Intergenerationality, senior and children

AGRADECIMENTOS

- À minha orientadora a Professora Doutora Joana Cavalcanti pelo apoio, carinho, dedicação e por nunca ter desistido de acreditar nas minhas capacidades.
- À Doutora Maria João por me acompanhar nesta longa caminhada, pelas suas palavras de ânimo nos momentos mais complicados.
- Ao Diretor do Centro Social e Paroquial de Arcozelo por receber o meu projeto de forma tão efusiva.
- A todos os seniores e crianças que caminharam juntos tornando este projeto especial e maravilhoso.

SUMÁRIO

Introdução	1	
Designação do Projeto	6	
Parte I – Enquadramento Teórico		
Capítulo I – Literatura e Oralidade – A palavra como herança e vínculo		
1.1. Possível Génese da Literatura Popular	7	
1.2. Distinção entre Literatura Popular/Oral/ Tradicional	11	
1.3. Importância da Literatura Popular para a preservação do património oral	15	
Capítulo II – Géneros da Literatura Popular		17
2.1..Adivinhas; Rimas; Provérbios	20	
2.2 Contos e Fábulas	26	
2.3.Lenda-Possíveis conceitos, funções e propósitos para a sua preservação	31	
Capítulo III- A função socioeducativa e intergeracional da Literatura Popular.....		37
Parte II – Enquadramento Metodológico		
Capítulo I – Opções Metodológicas		
1.1. Questão de partida.....	41	
1.2. Objetivos	41	
1.3. Caraterização do contexto.....	42	
1.4. Caraterização do público- alvo	45	
1.5. Investigação Educativa	58	
1.6. Investigação Qualitativa – Estudo de Caso	58	
1.7. Grelhas de Observação	60	
1.8. Notas de Campo	60	
1.9. Desenhos	61	
1.10. Inquérito de satisfação aos seniores	61	
Capítulo II - Apresentação e interpretação dos dados		
1. Análise das Grelhas	62	
1.1. Lenda “Galo de Barcelos”	63	
1.2. Lenda “O Milagre das Cruzes”.....	66	

1.3.	Lenda “Os Principais de Vilar de Figos”	68
1.4.	Lenda “ Cobras Mouras”	70
1.5.	Lenda “O Areal de Caíde”	72
1.6.	Lenda “O Frade e o Passarinho”	73
1.7.	Inquérito de Satisfação	75
1.8.	Síntese dos resultados	75
	Considerações Finais	78
	Referências Bibliográficas	82
	Anexos	

Anexos:

Anexo 1: Plano Anual de Atividades do Centro de Dia

Anexo 2: Plano Anual de Atividades do Centro de Atividades Tempos Livres

Anexo 3: Grelha de Observação

Anexo 4: Lenda do “Galo de Barcelos”

Anexo 5: Lenda “Milagre das Cruzes”

Anexo 6: Lenda “Os Principais de Vilar de Figos”

Anexo 7: Lenda “Cobras Mouras”

Anexo 8: Lenda “O Areal de Caíde”

Anexo 9: Lenda “ O Frade e o Passarinho”

Anexo 10: Inquérito de satisfação aos seniores

Anexo 11: Fotos com o livro e ilustração da capa

Anexo 12: Reconto oral por parte das crianças

Anexo 13: Autorização dos pais das crianças

Anexo 14: Autorização dos seniores

INTRODUÇÃO

O afastamento atual das “coisas do povo” em tudo aquilo que representa, como seus costumes, tradições e histórias é algo que não se pode negar, visto que as sociedades desenvolvidas justificam o seu conhecimento através do domínio de diversas tecnologias. A modernidade parece se realizar por tudo o que é novo e apela ao domínio instrumental e técnico.

Em consequência da desvalorização do saber popular surge, também, a desvalorização de uma sabedoria das gerações passadas. Ora, os idosos não só são importantes na construção da história da família, mas também são transmissores da cultura de uma sociedade.

Sabemos que o desenvolvimento tecnológico é importante para o desenvolvimento das sociedades, mas por outro lado também consideramos importante salvaguardar o património cultural porque isto nos garante a preservação da memória coletiva que constrói a identidade dos grupos. Portanto, cuidar do património cultural é investir na formação de sociedades conscientes da sua história em construção para o futuro, mas alicerçada num fazer contínuo que produz o património material e imaterial.

Assim, surge o desejo de trabalharmos numa proposta que valorize a memória e a tradição, reconhecendo que o futuro busca sua identidade no passado, pois a história pessoal faz-se a partir de uma história coletiva com a qual nos definimos, identificamos e assumimos como nossa. Logo a aproximação entre o que é tradição e o que é o novo é fundamental para a sustentação de projetos coletivos.

Tudo aquilo que é produzido pelas culturas revela aspetos de uma identidade de grupo que se vai alterando mediante as interações entre as pessoas. Sem dúvida o património cultural material é importante para a preservação da memória, mas será no património imaterial que a cultura deixará suas marcas mais profundas e permanentes, tal como acontece com o património oral, no qual a palavra é passada de geração em geração e esta

assume-se como elemento vital de ligação entre pessoas de gerações diferentes, constituindo-se numa valiosa herança para a humanidade.

O projeto que apresentamos tem como um dos seus principais objetivos promover o conhecimento do repertório da tradição oral pelas crianças do pré-escolar a partir do encontro intergeracional, este procura não só desenvolver a integração entre diferentes faixas etárias, mas sobretudo, difundir a memória do património oral. Procuramos responder a uma questão central: “Pode a Literatura Popular de tradição oral promover a aproximação entre gerações?”

Em geral, observamos que existe alguma preocupação em desenvolver atividades promotoras de leitura e oralidade nas faixas etárias localizadas no pré-escolar e 1ºCiclo, entretanto dificilmente a tradição oral é trabalhada ou promovida em faixas etárias mais elevadas. Assim, pretendemos aproximar gerações distintas através da partilha do repertório da tradição oral. Acreditamos que por meio da Literatura Popular se poderá realizar atividades a ter em consideração estas distintas gerações. Aproximar o que muitos anos de vida separam.

Pretendemos colaborar na recuperação do património oral da nossa cidade, nomeadamente a cidade de Barcelos, e fazer com que este seja apresentado a mais crianças no município, tentando ao longo do projeto realizar uma recolha mais abrangente de lendas, contos, lengalengas, entre outros. Com o intuito de obter um leque variado de informação sobre o património oral de Barcelos, recorreremos aos que, para nós, se constituem em uma das principais fontes, ou seja, os “nossos contadores” que se situam na faixa etária dos sessenta e oitenta anos.

Do mesmo modo, pretendemos dar respostas mais inclusivas, capazes de remeter para o património cultural ainda vivo, uma vez que o mesmo é possível de se eternizar através das histórias abastadas de valores de sabedoria e de conhecimentos. Estas carecem de ser transmitidas para que se renove a aprendizagem e conhecimento dos outros e das suas próprias raízes culturais. Concomitantemente, pretendemos alcançar o maior número de crianças, de forma a que as mesmas adquiram um novo conhecimento, bem como, uma reflexão consciente, no que concerne as suas origens e raízes, com

a intenção de não nos culpabilizem por: “ (...) ter rompido o fio da memória que os liga às suas raízes” (Parafita, 2012: p.91). Manter a tradição é um desafio para todos os envolvidos no projeto de educar para o futuro.

Neste sentido, o nosso projeto apresenta-se determinante de forma a impedir o isolamento e afastamento das pessoas idosas, que mesmo não sabendo ler nem escrever, poderão participar em atividades impulsionadoras de oralidade, lazer e convívio com as gerações mais novas, desenvolvendo e proporcionando, deste modo, nas gerações mais novas, competências de socialização, na promoção de conhecimentos dos outros e das suas próprias raízes culturais. Fomentar a convivência com os mais idosos apresenta-se como uma ação primordial, para que se consiga preservar o património oral de forma viva e dinâmica, uma vez a atual sociedade manifesta-se profundamente imbuída nas novas tecnologias, na qual os telemóveis, tablets, entre outras, apresentam-se como os novos brinquedos, os brinquedos dos mais novos.

Como anteriormente constatado, é crucial desenvolver e fomentar momentos de partilha entre os mais novos e os mais idosos, para que exista a transmissão de conhecimentos, e subsista o legado da nossa cultura. A leitura, ou a própria audição de uma história ou lenda, é fundamental para o desenvolvimento humano, nos mais diferentes níveis: psicológico, pedagógico, linguístico e social. Todo este património promove a interação entre o sujeito e os outros e com a sua comunidade. Com o projeto, também, queremos difundir as lendas da nossa cidade, para que os mais novos as voltem a transmitir aos mais novos ainda, para que nunca sejam esquecidas e sejam preservadas.

Enquanto herdeiros de uma panóplia de lendas e enquanto Educadoras temos a dura tarefa de criar mecanismos para a transferência e valorização do que é nosso, mesmo que não se consiga colher os frutos no presente. Para que o património não seja esquecido nem apagado da memória de quem o conhece torna-se urgente a sua divulgação e a sua passagem, assim consideramos que de acordo com Dine e Fernandes “A Literatura Tradicional, define-se, não apenas pela sua oralidade, como ainda pela sua forma de conservação, de transmissão.” (1999: p. 12).

O desinteresse expressamente manifesto nas nossas escolas e instituições sociais “pelo que é do povo” foi também um aspeto motivador para este projeto. Consideramos a tarefa de preservação da memória cultural como um desafio que nos anima e provoca e por isso, pretendemos disseminar as atividades que foram desenvolvidas, no âmbito do projeto, em outras instituições e municípios, pois: “ (...) é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança.” (Maireles, 1984: p.83).

Com a transmissão do património da Tradição Oral é possível transmitir aos mais novos o conhecimento necessário e perentório da sua herança. Deste modo, será possível entender o modo de ser, agir e pensar do outro, este situado em outro tempo. Parece-nos que “Se cada um conhecer bem a herança tradicional do seu povo, é certo que se admirará com as semelhanças que encontra, confrontando-a com a dos outros povos” (Maireles, 1984:p.79). Só depois de nos conhecermos é que conhecemos o outro e aceitamos as suas diferenças e semelhanças, portanto é viável compreender-se a necessidade de preservação da memória cultural, no nosso caso, o de natureza oral referente à Literatura Popular.

No que concerne ao quadro conceptual, procuraremos apresentar no enquadramento teórico sobre a possível génese da Literatura Popular e apresentar a distinção entre Literatura Popular/ Tradicional /Oral atribuída por alguns autores. No primeiro capítulo debruçaremos a nossa atenção sobre a importância da Literatura Popular na preservação do património oral.

No segundo capítulo será apresentado a distinção que alguns autores fazem sobre os diferentes géneros da Literatura Popular. Abordaremos o nosso estudo sobre as adivinhas; rimas; provérbios; contos; fábulas e as lendas.

No terceiro capítulo detemo-nos com a função socioeducativa e intergeracional da Literatura Popular.

A segunda parte do nosso trabalho aponta para o quadro metodológico, este enquadra-se numa pesquisa qualitativa mais especificamente um estudo de caso, por ser uma metodologia mais apropriada à realidade em questão visto que é um estudo aprofundado dirigido a um grupo pequeno com

caraterísticas próprias inserido num determinado contexto, “É um estudo intensivo, e detalhado de uma entidade bem definida (...)” (Sousa e Baptista: (2011: p.64).

Após as apresentações das partes conceptual e metodológica chegamos às considerações finais, na qual refletimos sobre o percurso realizado e tentamos dar resposta, baseada na análise dos resultados, à pergunta de partida.

DESIGNAÇÃO DO PROJETO

O Projeto surge com o título: “Palavra, a herança de um povo – o encontro Intergeracional através da Literatura Popular”. A escolha do tema foi focada no que se pretendia investigar, o legado dos mais idosos não está a ser reconhecido como espaço de valor e reconhecimento identitário, bem como social. Parece que as sociedades desenvolvidas “esqueceram” que a tradição fortalece vínculos entre as pessoas de uma comunidade e estas reconhecem-se na produção do passado, assim a designação do nosso estudo aponta objetivamente para aquilo que desejamos valorizar e desenvolver na Educação de Crianças do pré-escolar no sentido de aproxima-las do seu património oral, bem como das pessoas que representam a memória da tradição da cidade de Barcelos.

Apesar da Literatura Popular constar nos programas curriculares de Língua Portuguesa no 1º Ciclo, esta não é valorizada tal como deveria, pois é plausível a não valorização desta quer seja do ponto de vista das atividades propostas nos manuais escolares, bem como pelo professor que raramente escolhe o repertório popular com meio para a Educação Literária de cariz popular.

Esperamos despertar muitas escolas e centros sociais e abranger as novas gerações com alguns conhecimentos da sua cidade, as tradições a sua cultura. A preservação do património oral é uma tarefa que não deve ser menosprezada, pois é importante que a memória popular não seja extinta.

Na seguinte parte deste trabalho será apresentado o enquadramento metodológico e abordaremos os conceitos de Literatura e Oralidade e possíveis géneses da Literatura Popular/ Tradicional/ Oral.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I – Literatura e Oralidade – A Palavra como herança e vínculo

1.1- Possível Gênese da Literatura Popular

A preocupação com as “coisas do povo” e do quanto representam para as construções da identidade cultural de forma sistematizada data de vários séculos. Surge em 1846, a palavra “Folk- Lore” pelo inglês Wiliam John Thoms, que significa a “sabedoria do povo”. A expressão Folk-Lore “ (...) significam as tradições populares no seu conjunto, o saber popular, acrescentando, claramente em vista à incompreensão que aqui havia então relativamente à importância desses estudos.” (Oliveira,1985: p.21) passou posteriormente a designar todas “(...) as formas da cultura espiritual dos povos europeus; e nessa acepção durará durante longos anos” (Oliveira,1985: p.20).

Em 1890 o Follk-Lore é definido como: “Ciência da comparação e identificação, nas idades modernas, de crenças, costumes e tradições arcaicas, implicando assim a limitação do seu campo à cultura antiga do mundo rural das nações chamadas «históricas» ou «civilizadas» ...” (Dine e Fernandes,1999: p.16). No dicionário breve de termos literários, o termo Folk-Lore “ (...) designa tanto a recolha das principais manifestações de cultura popular (ritos, mitos, festividades, tradições, crenças, costumes, música, dança, literatura, etc.) como o seu estudo”.

Em Portugal, apareceram em 1575, os Contos de Proveito e Exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso. Mais tarde, “ (...) o gosto e o interesse esclarecido pela tradição popular, entendida como a literatura oral, as crenças e os costumes, manifestaram-se de modo expresso no dealbar do Romantismo...” (Oliveira, 1985: p.13).

Advindos do exílio, Garrett¹ e Herculano², manifestam e apresentam novos pensamentos e ideias sobre o que se estava a passar no resto da Europa. Garrett, quando regressa a Portugal, publica romances e cantigas do povo. Herculano, também após o seu regresso, escreve artigos publicados no Panorama com o título Crenças Populares Portuguesas.

Na Europa surgem novas disciplinas, como a Etnografia e a Mitografia. A Etnografia: “ (...) estudo descritivo das instituições e dos factos da civilização dos diversos povos dos grupos étnicos.” (Dicionário da Língua Portuguesa, 2011: p.349). A Mitografia, enquanto ciência: “ (...) foi pois uma maneira de olhar interpretativamente o conteúdo espiritual das tradições populares.” (Oliveira, 1985:p.3).

Destacamos também Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Consiglieri Pedrosos, Leite Vasconcelos e Rocha Peixoto, pelo seu enorme contributo na área da Etnografia. Ainda hoje as obras deixadas são um imenso contributo para o estudo da nossa cultura. Passamos então a ter estudiosos preocupados com o património das classes menos letradas, procurando a sua preservação e irradicação. Preocupam-se com a preservação da cultura popular, para posterior utilização literária.

Adolfo Coelho (1847), desde muito jovem se interessou: “pelas coisas do povo”, os dialetos crioulos; gíria dos Ciganos e a influência étnica na transformação das línguas. A sua imensa obra conta com: contos populares, jogos, festas, costumes, crenças, tradições, sobre alfais agrícolas, sobre os Ciganos.... Publicou em 1879, Contos Populares Portugueses, obra escolhida para iniciar a Educação Literária no 2º ano de escolaridade. Apresentou interesse por outras culturas e povos (socialização).

1. Após participar na Revolução Liberal (1820), parte para o exílio em Inglaterra. E posteriormente em 1824 parte para França. 2. Alexandre Herculano também por questões políticas vai para o exílio em Inglaterra.

O mesmo autor apresentou quatro estádios para o estudo das tradições: Grau descritivo que assenta na recolha dos materiais; Grau comparativo, que tem como base material, as versões do elemento do estudo fornecidas pela bibliografia; Grau genético, estudo da formação da tradição; Grau explicativo que só é possível dentro dos limites do método (Oliveira, 1985: p.28).

Seguem-se a Adolfo Coelho outros grandes historiadores da cultura popular como o Teófilo Braga e Consiglieri Pedroso. O primeiro com Contos Tradicionais do Povo Português (1883), o segundo com Tradições Populares Portuguesas (1883) e Tradições Populares Portuguesas: Uma Crítica Construtivista (1884). Continuamos com Ataíde de Oliveira com Contos Algarvios (1900-1919); Tomás Pires, Contos Alentejanos (1919); José Leite de Vasconcelos, Contos Populares e Lendas, editados em 1964. Mais atualmente Manuel Viegas Guerreiro, Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira. Teófilo Braga, Consiglieri Pedrosos e Leite Vasconcelos direccionados para os problemas das tradições populares e Adolfo Coelho interessou-se por aspetos e elementos materiais, tecnológicos e sociológicos da cultura.

Uma das principais motivações para evoluir da oralidade para a escrita, é relativa à necessidade de fixação da informação, portanto da sua preservação e para que esta se perpetue e não se perca a transmissão de saberes. De acordo com Cavalcanti: “ O carácter oral das primeiras narrativas tem papel essencial na elaboração e transmissão dos primeiros relatos.” (2002: p.28). A maioria dos géneros literários da Literatura Popular surge do povo, do conhecimento popular e o facto de ter surgido à margem do conhecimento formal não o condicionou ou travou a sua passagem.

A oralidade sempre se constituiu no modo de maior relação entre as pessoas pois é reconhecido que esta: “ (...) desempenha igualmente um importante papel na transmissão do saber, na forma como elas constroem a sua memória social” (Rodrigues in Parafita; 1999: p.11). Foi através da oralidade e, posteriormente da escrita, que chegamos aos dias de hoje

enriquecidos de obras que compõe o imaginário Popular. O povo permitiu assim, o nosso acesso a esta panóplia de textos.

Podemos considerar que existe um emissor que é o povo, o qual apresenta e veicula os seus conhecimentos, em grande parte através da oralidade e sobre as mais variadas formas. Por outro lado, existe um recetor, neste caso os autores, que escrevem e compilam a mensagem através da escrita, logo estamos perante o fenómeno de comunicação. A comunicação é uma capacidade fundamental na vida dos seres humanos.

A comunicação é essencial em termos sociais, culturais e cognitivos. Temos de comunicar sendo, emissores recetores quer de textos pronunciados pela oralidade, quer de textos advindos da oralidade e transformados em escrita tais como os da Literatura Popular.

No fenómeno comunicativo a palavra assume especial destaque pois, sem ela o processo comunicativo seria mais difícil e este factor constitui-se em algo fundamental para a espécie humana e o seu processo de evolução dentro da cultura. Da palavra oral saem os nossos textos da Literatura Popular para se tornarem palavra escrita, tal como foi referido acima, assim temos um ciclo, uma vez que a palavra escrita volta a ser palavra oral e vice-versa, assim é possível a passagem de conhecimentos e sabedoria num ciclo permanente e contínuo de partilha da palavra.

Agora, no próximo ponto entendemos que seja importante situar aspetos necessários quanto à distinção entre a Literatura Oral, a Literatura Popular e Literatura Tradicional.

1.2 Distinção entre Literatura Oral/ Popular/ Tradicional

O pesquisador Manuel Viegas Guerreiro (1983) inclui no âmbito da Literatura as composições que o povo ouve, conta, recita ou canta. Considera existir uma discordância na definição de Literatura Oral uma vez que há: “ (...) a assinalar a flagrante contradição entre literatura e oral”. De acordo com Diniz (1994), nesta não cabem as produções escritas que o povo usa e que não as repete oralmente e também discorda desta definição, uma vez que as composições orais já foram fixadas pela escrita, não podendo ser chamadas de Literatura Oral, visto que já se encontram fixadas através do código escrito.

Segundo Guerreiro, a Literatura Tradicional, (1983:p.9-10) é: “ (...) ao longo do tempo, de geração em geração, mais ou menos antiga, anónima, que o vulgo vai transformando, com adições, supressões, invenções”. O referido autor não concorda com a designação de Literatura Tradicional, uma vez que esta não contempla a produção literária erudita, as que são valorizadas pelos cultos. Além disso, o pesquisador em questão acrescenta que a produção recente não pode ser considerada tradicional e sim popular.

Diniz (1994) manifesta a mesma opinião de Viegas (1983), pois considera: “ (...) o significado que habitualmente se dá à palavra tradicional, que surge associado a algo de antiquado, de retrógrado, que pertence ao passado” (p.47). Além de que muitos outros textos podem ser entendidos como tradicionais, nomeadamente os textos de literatura convencional ou erudita.

A designação de Literatura Popular é a que recebe por parte de Guerreiro (1983), maior concordância, referindo que no Popular cabe: “ (...) toda a matéria literária que o povo entende ou gosta, de sua autoria ou não.” (...) “É a que corre entre o povo, toda a peça literária que por ele passe, com muita ou pouca demora, recente ou antiga, lhe parece: a anónima e a que tem nome, transmitida oralmente ou por escrito” (1983: p.11).

Ainda o mesmo autor (1983) aponta para a definição que prefere, uma vez que a Literatura Popular pode abranger a transmissão ao longo do tempo na forma oral ou escrita pertence ao povo de maneira anónima ou não. O mesmo considera que: “A Literatura Popular é quase toda ela inventada para ser ouvida” (Guerreiro, 1983: p.15).

Por sua vez, Diniz (1994: p. 47), coloca a mesma problemática da Literatura Tradicional, no emprego da palavra povo, uma vez que: “ (...) pode significar um todo nacional, delimitado geograficamente e culturalmente (...) camada indiferenciada da população (...) conjunto das camadas trabalhadoras que não possuam meios de produção”. A mesma autora, Diniz (1994) aborda uma nova designação: Literatura de Expressão Oral pela ambivalência na sua definição. Explica esta nova designação, pois considera as outras definições pouco concretas e sucintas, contemplando as lendas, fábulas, anedotas, provérbios e adivinhas na Literatura de Expressão Oral visto que:

“A Literatura de expressão oral integra o indivíduo num determinado grupo a quem confere marcas de identidade. Em comunidades onde a escrita não é veículo normal de expressão, é desta forma de literatura que reflecte a sua história, a sua cultura, os seus valores mágico-religiosos, a sua maneira de viver a vida enquanto literatura “escrita” o emissor é o escritor indivíduo historicamente situado.” (p.47)

Parafita (2007) também opta por uma designação diferente, Literatura Popular de Tradição Oral, é “ (...) conjunto diversificado de formas de arte verbal determinadas tradicionalmente pelo uso que o povo delas faz, e que, por isso, são testemunho da sua cultura” (2007:p.43). Este autor opta por enunciar numa mesma designação os três adjetivos: popular/tradicional e oral. Para este autor a compreensão de uma Literatura surgida do imaginário coletivo não pode corresponder somente à uma das designações, sendo portanto ao mesmo tempo popular, tradicional e oral.

Surge ainda Glória Bastos (1999) que opta pela denominação, Literatura Tradicional de Transmissão Oral, referindo que esta: “ (...) integra em si a noção já sedimentada de que se trata de algo que tem a ver com os elementos mais ancestrais da nossa cultura” (1999: p.58). Para esta autora, a Literatura Tradicional de Transmissão Oral abarca contos, canções, provérbios, e outras

formas discursivas diferentes que passaram através da oralidade de geração em geração.

Ao longo do nosso estudo surgiu também o conceito da Literatura de Cordel: “Expressão consagrada para designar a divulgação popular de pequenas obras impressas em fascículos ou cadernos, adquirindo tal denominação por virem amarradas, para efeitos práticos de distribuição, por cordéis” (Paz e Moniz; 2004: p.131). Exemplo é o Auto da Barca do Inferno que foi publicado e divulgado em 1518.

Parafita, no seu livro, concede algum destaque para o autor Arnaldo Silva, o qual apresenta um novo conceito: “literatura marginal / marginalizada.” Em 1974, publicou “Literaturas Orais e Marginais” e em 1975 e 1980 publicou volumes denominados de “Literatura Marginalizada”. Este autor diferencia Literatura marginal da Literatura marginalizada. Para este “ (...) a literatura é marginal se é suposta ou vista, às vezes pelos próprios autores e não só pelos leitores como marginal (em relação à literatura corrente, institucionalizada); mas ela é marginalizada se é vítima de recusas, censuras e preconceitos de ordem moral, ideológica, estética ou outros.” (p.52)

Esta distinção leva-nos para uma outra ambiguidade entre Literatura consagrada e não consagrada, a primeira adjetivada como culta e superior e a outra como vulgar, inferior e marginal.

Para o nosso estudo concordamos com Viegas (1983) e por isso, denominamos o nosso projeto assumindo a designação de Literatura Popular, pois consideramos a sua definição de Literatura Popular a que mais se enquadra no nosso objeto de estudo.

Afirmamos que sem a criação de histórias na oralidade não teria sido possível ter acumulado informação, saberes e conhecimento decorrentes da vida em comunidade quase sempre sem valor científico, mas fundamentais para a transmissão de ideias, valores e culturas.

Apesar da Literatura Popular estar associada ao povo analfabeto, existindo em pleno século XXI, cerca de 500 mil portugueses analfabetos³ e uma taxa de 22 % de reformados, temos o dever de fomentar e promover uma participação mais ativa daqueles mais envelhecidos e que não tiveram oportunidade de acesso ao conhecimento e escolarização.

Integrar a geração mais envelhecida no processo de desenvolvimento social, histórico e cultural deverá ser um compromisso assumido pelas sociedades, visto que esta pode contribuir eficazmente para a preservação da memória popular logo a Literatura Popular pode ser um excelente meio para a valorização da população em questão e da sua aproximação aos mais jovens de forma viva dinâmica e transformadora.

Acreditamos que projetos desenvolvidos com objetivo de preservar a Literatura podem utilizar estratégias que, por outro lado alcancem objetivos de dimensão social, no nosso caso a valorização de seniores como transmissores de cultura, pode retirá-los do isolamento e solidão tornando-os mais produtivos socialmente. Assim avançamos para a próxima discussão sobre questões da Literatura Popular e a preservação do património cultural.

3.Dados retirados dos Censos 2011.

1.3 Importância da Literatura Popular para a preservação do património oral

É urgente a preservação do nosso património oral e tradicional, pois só assim será possível a transmissão de conhecimentos e saberes. Esta preservação só pode ser realizada/efetuada através da divulgação e transmissão da Literatura Popular para as gerações futuras, para que, deste modo, os conhecimentos e saberes do povo não sejam extintos. O vasto património oral e tradicional não se perderá, uma vez que “ (...) é a Literatura Tradicional a primeira a instalar-se na memória da criança”. (Meireles; 1984: p.83).

Já desde a Antiguidade (República de Platão) que se tem refletido sobre a importância da Literatura Popular: “ (...) que o mais importante não é a educação formal, o ensinar-lhes isto ou aquilo, mas desenvolver-lhes a imaginação, a máquina com a qual recriamos o mundo. Educaria as crianças, servindo-se de histórias, contos, mitos.” (Traça; 1992: p.33).

É fundamental para as gerações futuras que se recupere alguma das produções culturais representantes do repertório oral que estejam a “cair no esquecimento”, mas ainda possíveis de ser recuperadas através do gesto recorrente que tanto as caracterizam que é a passagem de “boca à orelha”, assim a tradição se recupera. A nossa intenção é que esta tarefa de recuperação e preservação seja abraçada pelos mais novos que tenham gosto pelas suas tradições populares e que as transmitam, pois ouvir histórias enriquece a perceção do mundo e permite a criação de fortes vínculos com a própria origem, o conhecimento das próprias raízes. Certamente, o conhecimento do repertório oral inerente ao nosso próprio local serve-nos de referência e identificação, além de podermos nos projetar para o futuro

sabendo quem somos e qual a visão de mundo nos acompanha e serve para o nosso desenvolvimento.

Após abordarmos a relevância da Literatura Popular, para que seja preservada na memória dos mais novos para que conheçam as suas raízes culturais para que ao contacto com rimas, lendas, contos que tenham consciência que estes géneros só lhes chegaram aos dias de hoje, porque o povo os foi transmitindo de diferentes formas através da oralidade ou até da escrita para que assim ficassem perpetuados para que toda a gente tivesse acesso. Analisaremos de seguida alguns géneros da Literatura Popular e a classificação que alguns historiadores fizeram sobre os mais variadíssimos géneros da Literatura Popular.

Capítulo II- Géneros da Literatura Popular

Alguns autores já apresentam divisões ou agrupamentos dos diferentes tipos de texto existentes da Literatura Popular. Procuram assim de acordo com as características de cada texto enquadrá-lo num grupo para um melhor estudo.

Glória Bastos (1999) expõe a sua divisão fundamentada nos três géneros literários: narrativo, lírico e dramático.

Género narrativo “apresentam características tendencialmente próprias do texto narrativo”. Podem aparecer em prosa ou verso. Este género contempla: mito; lenda; conto; anedota; romance; fábula.

Género lírico “... aquelas a que se destinam a acompanhar momentos predominantemente recreativos ou vertentes de lazer”... Deste grupo fazem parte as rimas infantis; adivinhas; provérbios.

O último género a autora no seu livro *Literatura Infantil e Juvenil* não contempla nenhuma abordagem uma vez que este género não tem uma propagação semelhante aos restantes. Aqui entrariam os teatros populares-género dramático.

Parafita e Fernandes (2007) apresentam no seu livro o modelo classificatório de Hermann Bausinger que expõe também três grandes grupos de géneros: formas e jogos verbais; formas dramáticas e musicais; formas narrativas.

Formas e jogos verbais:

Provérbios

Ditos Populares

Apodos ou motejos

Adivinhas

Lengalengas, rimas de jogos, trocadilhos e trava-línguas

Réplicas Populares

Orações

Rezas e responsos

Fórmulas de superstições e de mezinhas ou esconjuros

Agouros ou profecias

Pragas e maldições

Galanteios ou piropos

Orações de escárnio

Pregões

Pulhas

Testamentos ou papeladas

Toradas

Fórmulas de fim de conto

Formas dramáticas e musicais:

Teatro Popular

Quadras e poesia popular

Cancioneiro

Romanceiro

Excelências

Formas narrativas:

Conto popular

Lenda

Mito

Ambos os autores concordam na divisão entre três grupos. Apresentando para cada uma delas o mesmo tipo de texto. Quer a divisão por gêneros literários quer a divisão por formas que constam os mesmos gêneros literários, alterando o lírico por jogos verbais.

Enumeramos alguns gêneros da Tradição Popular, os que consideramos mais pertinentes para o nosso estudo, abordando dois dos três grupos apresentados: as formas narrativas e os jogos verbais.

Apresentaremos os gêneros que mais frequentemente revisitam o público infantil, abordando as suas características e de que forma a sua utilização em sala de aula e em outros contextos contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Apresentaremos seis gêneros da Literatura Popular, embora saibamos que poderíamos abordar outros. Contudo, por questões importantes ao desenvolvimento do trabalho, optamos em aprofundar apenas os que por agora demonstramos.

2.1. Adivinhas

Desde pequenos que as adivinhas fazem parte das nossas “brincadeiras” infantis, pela sua facilidade em ser memorizada, uma vez que é um texto curto e em alguns casos com rima, além de nos propor um desafio. Na idade adulta fazem parte da nossa vida como passatempo e distração, pois nos coloca o desafio de encontrar solução para o enigma que nos foi colocado e pelo seu carácter lúdico de jogo ou brincadeira. “A adivinha é a descrição de um ser ou objecto por particularidades que lhe são próprias, propositadamente apresentadas de modo metafórico ou ambíguo de modo a tornar fácil a sua decifração.” (Diniz, 1994: p.64).

Glória Bastos (1999) e Maria Augusta Seabra Diniz (1994) remetem para uma característica comum nas adivinhas: a universalidade da forma inicial “Qual é a coisa qual é ela?” , “Que é que é?, que varia de país para país e de região para região. As mesmas autoras consideram que no aspeto temático, as adivinhas podem assumir os mais variadíssimos tópicos, até onde a imaginação e criatividade nos deixar levar. “O assunto das adivinhas abrange o verossímil e o inverossímil” (Diniz, 1994: p 65).

Bastos (1999) é mais concisa e enumera oito campos: o mundo abstrato; o homem nas suas variadas dimensões (físicas, emocionais, parentescos e habilitações);o mundo dos animais; a natureza (aspetos físicos e morfológicos); a religião; o mundo da escrita e dos números; os jogos e o mundo das coisas (materiais).

As adivinhas são para utilização pedagógica, uma vez que em muitos manuais surge o exercício de ter um objeto ou figura geométrica e ter de a descrever para posteriormente descobrirem o que é pelos seus atributos

mencionados. Este pode ser um ótimo instrumento de trabalho para a sala de aula ou até num caráter mais lúdico para alguma brincadeira entre crianças.

A primeira obra em Portugal sobre adivinhas é a de Francisco Lopes, *Passatempo Honesto de Enigmas e Adivinhações* (1603).

2.1. Rimas

Fazem parte do mundo da criança desde muito cedo. São textos igualmente curtos de fácil memorização e pela sua consonância rítmica. Bastos (1999) afirma que as rimas acompanham as crianças “(...) logo a partir do berço e prolongam-se pela vida escolar, pontuando muitas das brincadeiras e outras actividades infantis.” (p. 95).

Diniz (1994) indica que as canções de embalar são as primeiras rimas que ouvimos da nossa mãe. Rimas para adormecer, também escutadas através da voz da nossa mãe na hora de adormecer. Rimas para brincar e aprender, rimas que servem para ensinar ao longo do desenvolvimento da criança. Começando por dizer à criança que indique o “bocadinho igual” presente em duas palavras. Posteriormente encontrar uma palavra que rime com a anterior alargando assim o vocabulário. Numa fase mais avançada, muitas outras atividades podem ser realizadas: inventar novas rimas para continuar uma poesia, pedir para construir uma poesia com rimas, inventar novos versos a partir de um determinado texto, construir uma poesia de acordo com uma determinada construção rítmica.... Para assim incentivar e fomentar nas crianças o gosto pela poesia nas suas diversas formas, podendo também alargar o imaginário da criança.

Bastos (1999) apresenta o esquema de classificação de Maria José Costa, no qual indica os seus contextos de reprodução, tais como:

Canções de berço

Rimas em contos infantis

Rimas em jogos

Horário e calendário

Código social infantil

Superstições infantis

Rimas de interpretação de sons

Rimas de zombaria

Respostas prontas

Além das possibilidades referidas a autora aponta para outras que não apresentam ligação ao contexto:

Orações

Adivinhas

Trava-línguas

Histórias rimadas infantis

Canções e rimas sem contexto conhecido

Atualmente o programa do Ensino Básico já reconhece algum valor a este género de produções populares e fomenta a recolha de produções do património literário oral. É raro encontrar no 1º Ciclo algum manual que não tenha uma poesia ou simples rimas. Além destas produções populares encontrarem espaço no ensino do 1º Ciclo, elas também são bastante frequentes e presentes no ensino pré- escolar pelas inúmeras vantagens da sua aplicação no desenvolvimento das crianças, quer a nível linguístico,

social e psicológico. No jardim-de-infância existe a utilização de rimas quer para a hora de comer, para a hora de dormir, para a hora da higiene....

2.1.Provérbios

São textos curtos de fácil memorização e que surgem da sabedoria popular aliada a acontecimentos ocorridos e em alguns casos, transmitem moralidades. Os pesquisadores Parafita e Fernandes dizem que “Na verdade, os provérbios têm a sua origem na sabedoria popular e fazem parte de todo o universo de uma cultura eminentemente oral que o povo criou e preservou como espelho do seu quotidiano pragamático” (2007:p.61). Segundo estes, as propriedades funcionais dos provérbios são de divertimento, portanto de cariz mais lúdico e os valores educacionais que um provérbio pode transmitir. Afirmando que muitas vezes são identificados com diferentes designações: ditados populares; parémias; apotegmas, sentenças...

Existe uma ciência que se ocupa com o estudo dos provérbios a paremiologia, particularmente a sua descrição, classificação e pragmática para que assim possa ser mais fácil a sua classificação.

Debruçarmo-nos sobre a sua classificação que como vimos anteriormente e uma vez que muitas vezes se confundem provérbios com demais géneros da Literatura Popular, apresenta alguma ambiguidade entre autores na escolha e opção metodológica. Os dicionários de provérbios apresentam-se pela ordem alfabética, deixando um pouco aquém quando precisamos de procurar um provérbio específico para determinado mês ou mesmo para determinado contexto. Enunciaremos alguns autores e as suas opções de classificação.

Parafita e Fernandes (2007) apresentam um modelo classificatório extenso com oito divisões. Justificam esta escolha metodológica por se apoiarem em critérios semânticos- pragmáticos, valorizam mais este critério por considerar o uso e contexto local de extrema importância. Procurando perceber como

determinada comunidade representa os provérbios. O seu modelo classificatório apresenta oito grupos de áreas temáticas:

- Advertência e preocupação: neste grupo conta com os avisos, conselhos e recomendações trazidas para as novas gerações pela vasta experiência de vida dos mais idosos.

- Censura ético-comportamental: neste constam as críticas a determinados comportamentos, mas com caráter construtivo.

- Devoção, crenças e superstições: este género prende-se com a enorme crença religiosa que o povo tem. Os provérbios deste género apresentam as figuras celestiais e o símbolo do Bem e do Mal nas figuras de Deus e do Diabo.

- Economia e organização domésticas: são os provérbios que falam da economia domésticas do lar com o gasto e o sustento dos homens e dos animais.

- Fatalidades, resignação e complacência: aqui está patente a resignação do povo por saber os seus limites. No caso, o mais fraco tem de ser cauteloso perante o mais forte. No que concerne à fatalidade, há a sugestão de que o povo tem de se conformar com o que lhe acontece. Tudo o que abordar estas temáticas enquadra-se nesta modalidade.

- Manifestação de afetos e cortesias: as manifestações presentes numa relação social e na postura ética e estética do ser humano.

- Preocupações agro-laborais e meteorológicas: neste grupo aparecem as condições meteorológicas e a sua relação com as sementeiras. Estas advêm da preocupação do povo com as suas sementeiras e produção.

- Saúde e bem – estar: o povo cheio de sabedoria apresenta formas de medicina tradicional para as mais variadas mazelas do corpo e da alma. Resultado das suas vivências e observação.

Para Diniz (1994) podemos agrupar os provérbios em seis categorias: informação na área das relações humanas; transmissão de ensinamentos sobre a natureza e a realidade do quotidiano; transmissão de ensinamentos genéricos; apoio em situação de dificuldades nas relações humanas; transmissão de normas de saúde e de higiene alimentar; transmissão de ensinamentos formulados expressamente como norma de conduta e com finalidade moralizadora.

Bastos (1999) expõe duas categorias: provérbios descritivos e provérbios normativos. Os primeiros como o próprio nome indica descrevem a realidade, aquilo que é observável. Por sua vez, os provérbios normativos pretendem levar alguém a fazer uma determinada ação.

Consideramos não estar a ser reconhecido o inúmero valor dos provérbios no desenvolvimento das crianças. Este género da tradição popular é pouco trabalhado nas salas de aula na escola. Em contexto de jardim-de-infância está totalmente esquecido, o que fomenta o desconhecimento das suas crianças nas suas próprias raízes culturais pois não lhe estão a ser apresentadas.

Os provérbios podem ser utilizados em sala de aula, nem que seja para serem apresentados em cada mês do ano, pois se constitui numa fórmula simples de aproveitamento da sabedoria popular e é importante que as crianças tenham contacto com este repertório. Os provérbios também podem ser trabalhados em alguma época festiva, no sentido de solicitar que as crianças realizem uma recolha junto aos pais e avós e posteriormente apresentem à turma para que assim sejam apresentados mais provérbios, ampliando-se o repertório. Muitas atividades podem ser elaboradas no contexto de sala de aula para se incentivar o envolvimento das crianças ao tradicional.

Segundo Parafita e Fernandes (2007), em Portugal, a primeira obra sobre provérbios foi publicada em 1651, pelo Padre António Delicado designado o

livro de: Adágios Portuguezes a Lugares Comuns, mencionando que teriam a sua génese nos contos tradicionais, anedotas e velhas parábolas.

2.2. Contos

A arte de contar histórias remonta ao início dos tempos, possivelmente desde que o ser humano se tornou capaz de utilizar a linguagem verbal, mesmo antes de sabermos ler já se ouviam histórias, contos: “ Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixaram de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias (...)”. (Meireles, 1984: p.19).

Numa primeira fase, o interesse dos investigadores pelos contos focou-se em questões de origem e difusão, posteriormente questões sobre a forma e o sentido e, mais recentemente, a sua difusão – papel da tradição oral numa dada comunidade. Várias teorias surgiram sobre a origem dos contos: teoria indo-europeia defendida pelos irmãos Grimm⁴, a teoria indianista, criada por Theodor Benfey, presume que as primeiras narrativas surgiram na Índia, portanto no Oriente, chegando ao Ocidente através dos processos migratórios; A teoria etnográfica de Andrew Lang que encontrou no conto a sobrevivência de antigas crenças que pressupõe o conhecimento de culturas para verificar se na realidade há superação da nossa própria condição humana. A teoria ritualista e a teoria marxista de Vladimir Propp⁵ que considera o conto maravilhoso uma super-estrutura, examinando a sobrevivência de antigos rituais, partindo de um dano a ação desenrola-se para uma solução. (Traça, 1992: p.16- 17 -63).

4. Jacob e Wilhelm escreveram uma coletânea de narrativas publicadas em 1812-1814: “Kinder-und Hausmarchen”, contos para crianças e para o lar. Que surgem de uma recolha de transcrições de contos e relatos dos diferentes usos, crenças e cerimónias do mundo campesino. Estes autores pretendiam mostrar através da escrita que esta recolha não se tratava da imaginação do povo, mas sim um considerável património. (Oliveira, 1985: 18). Os Irmãos Grimm Influenciaram toda a Literatura Infantil Europeia. 5. Vladimir Propp estudou o conto maravilhoso, na Literatura Russa, identificou os elementos permanentes no conto, apresentando trinta e uma funções das personagens identificadas e que seriam sempre as mesmas nos diferentes contos.

Depois de pesquisarmos a gênese, sobre o que os demais investigadores consideraram sobre a origem e difusão dos contos, analisaremos um pouco sobre a história da Literatura Infantil Europeia. O seu apogeu foi iniciado por Charles Perrault (1628-1703), que compilou em 1694 -“Histoires ou Contes du Temps Passé avec des Moralités” com os contos: Capuchinho Vermelho; O Barba-Azul; O Gato das Botas; O Pequeno Polegar; As Fadas; A Gata Borralheira; A Bela Adormecida; Riquete do Topete e Mademoiselle. Perrault ao escrever estes contos, pretendia transmitir mensagens com moralidade e que devido ao cariz infantil colocou como autor o seu filho. Uma vez que seria desprestigiante um homem escrever contos cujos destinatários são as crianças. Por isso o sua opção pela escolha do seu filho Pierre D' Armandcour como autor dos mesmos.

Após o importante investimento de Perrault, surge uma avalanche de contos de fadas. Seguem-se os irmãos Grimm (Jacob e Willhem), que escreveram uma coletânea de narrativas com o título de -“Kinder – und Hausmarchen”. Contos para crianças e para o lar que aparecem de uma recolha de contos. Compilaram mais de duzentos contos. Prosseguimos com Hans Christian Andersen (1805-1875), da sua obra constam cento e sessenta contos, entre eles: O Patinho Feio; As roupas novas do Imperador; A Polegarzinha; A Pequena Vendedora de fósforos...

Em Portugal, aparecem em 1575, Os Contos ou Histórias de Proveito e Exemplo de Gonçalo Fernandes Trancoso. Posteriormente nos séculos XVII e XVIII muitos outros escritores produziram contos. Ana Castro Osório (1872-1935), foi pioneira na escrita de contos infantis para crianças. Publicou “Contos Tradicionais Portugueses para Crianças. Adolfo Coelho (1879), Teófilo Braga (1883), Consiglieri Pedroso (1910), Leite Vasconcellos (1963), também foram fundamentais para a preservação da Literatura Popular, bem como para a sua difusão. Ao recolherem e fixarem o repertório popular, garantiram a sua preservação através da sua fixação pela escrita.

Apresentaremos o que alguns autores referem sobre a classificação dos contos.

Bastos (1999) apresenta no seu livro a classificação de Sylvie Loiseau, categoriza os contos em:

- Contos maravilhosos (contos de fadas, bruxas e ogres)
- Contos dos animais (animais são as personagens principais)
- Contos etiológicos (fenómenos da Natureza)
- Contos faceciosos (para rir)
- Contos morais ou filosóficos (permitem reflexão)
- Contos acumulativos ou de repetição (têm encadeamento)
- Contos de mentira (pode ser em si uma mentira ou entrar alguma mentira).

Madalena Dine e Marina Fernandes categorizam os contos em contos tradicionais e maravilhosos. O conto tradicional “ (...) trata-se de uma narrativa anónima que se inscreve no espaço da oralidade.” (1999: p.23). As suas características gerais são:

- desenrolam-se no passado
- são narrações e narrativas fechadas
- as personagens não apresentam intensidade
- podem passar para a oralidade através da voz

Os contos maravilhosos “ (...) são histórias «complexas», implicam uma certa extensão para que diferentes elementos possam «complicar» a acção...”

As suas características gerais são:

- a importância dos números
- a construção das histórias assenta em encadeamentos

- as heroínas são bonitas e as más são feias
- não existe preocupação para que seja lógica a relação entre os diversos acontecimentos
- são repetitivas no seu enredo

Bastos (1999) enuncia os cinco momentos essenciais dos contos de acordo com Ana Cristina Macário Lopes (1978), sendo eles:

- Estado inicial, apresentação das personagens encontrando-se numa situação de equilíbrio.
- Perturbação, alteração do estado inicial, ocorrência de um problema ou conflito a resolver.
- Transformação, na procura da resolução da perturbação, o agente que provoca uma mudança é considerado herói.
- Resolução, uma nova situação realizada pelo herói na resolução do problema ou conflito.
- Estado final é o equilíbrio final após a resolução do problema.

Os contos, assim como os restantes géneros da Literatura Popular, devem estar ligados desde muito cedo às crianças. Este género apresenta uma maior apreciação nas nossas escolas, jardins e bibliotecas pela prática recente da “Hora do Conto”. Esta “hora” poderá ser de ensinamento pela transmissão de valores morais e pedagógicos, no desenvolvimento da imaginação, na criatividade e na socialização com os outros pelos valores morais que transmitem. Bem como pela dicotomia apresentada entre o bem e o mal, do certo e do errado, do justo do injusto, do que é verdadeiro e do que é falso. Como pretendemos Educar para os Valores, a utilização em sala de aula de contos são uma mais-valia na divulgação de valores morais e éticos. Por outro lado, o conto também alarga o vocabulário, a criança é deparada com novas palavras, podendo advir atividades com base na oralidade, tal como o reconto.

2.2. Fábulas

A fábula é uma “(...) narrativa breve de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objectivo transmitir certa moralidade. As suas personagens são sempre símbolos, isto é representam algo num contexto universal.” (Bastos, 1999:p.83). De acordo com Paz e Moniz, a fábula é “ (...)uma história sobre animais, com estatuto de intervenientes racionais com finalidades didáctico-morais”. (2002:p.92)

Segundo Diniz (1994) o que as distingue das outras narrativas de carácter metafórico ou simbólico é a presença do animal colocado em situação humana e exemplar.

Forma narrativa onde podemos encontrar registos mais antigos, no século VI a.C, as fábulas de Esopo - 358 fábulas, texto grego em prosa, com moral no final e mais tarde Fedro 69 d.C - 135 fábulas, texto latino em verso com moral e mais extenso que o anterior autor. Não podemos deixar de mencionar La Fontaine (1621- 1695), que escreveu doze livros organizados em quatro volumes, num total de 242 poemas em francês e alguns com moralidade no fim.

Garrett, não foi apologista da utilização das fábulas em contexto educativo, apresentando no seu livro *Da Educação* (1829) a incompreensão pela escolha de fábulas enquanto instrumento educativo. Também Rousseau que se tornou celebre pela sua obra *Emílio* (1762), a qual trata de questões de educação de crianças, teceu duras críticas sobre o carácter educativo e pedagógico deste género da Literatura Popular.

No século XIX, muitos autores como Bocage, Curvo Semedo, João de Deus traduziram os clássicos de La Fontaine e valorizam o seu carácter educacional.

A utilização dos animais para narrar pode ser um aproximador e um facilitador para introduzir as fábulas nas escolas. Todas as crianças pequenas

gostam de ouvir histórias de animais e estes ganham vida e personalidade com características humanas boas e más. Atualmente considera-se que este gênero narrativo não é utilizado com frequência na escolarização das crianças mais velhas, pois consideramos que uma faixa etária mais avançada não demonstra interesse na leitura de textos com animais que têm características humanas. Já perderam o encantamento infantil no qual se acreditava que tudo é possível: os animais falarem e terem personalidade. Para motivar e incentivar nos mais velhos o gosto pela leitura de fábulas, devemos trabalhar a moralidade característica dominante, fomentando atividades sobre os valores e a formação cívica. Cabe assim aos Educadores incentivarem a leitura de fábulas uma vez que podem ser trabalhos os valores.

2.3. Lenda – Possíveis conceitos, funções e propósitos para a sua preservação

O nosso foco de estudo são as lendas, mas concretamente as lendas de Barcelos. São as “histórias da cidade”, apelidadas com esse nome pelos nossos contadores.

Parafita (1999) indica que a palavra deriva de legenda, e por sua vez deriva do verbo latino legere que significa que é algo “para ler”. Na etimologia da palavra legere significa simplesmente “colher, escolher, recolher”. Uma vez que originalmente as lendas referiam-se a textos escritos dignos de serem lidos.” Podíamos colher algum ensinamento ou aprendizagem advinda da leitura das lendas. Atualmente a lenda é uma narrativa oral de acontecimentos pretensamente ligados a uma determinada área geográfica ou a uma determinada época. Podemos então defini-las como “Um pequeno relato inicialmente transmitido, em verso ou em prosa, pela via da tradição oral e popular e depois escrito. Veicula elementos fantásticos que destinados a conferir ao relato um

cariz imaginário que visa seduzir o ouvinte ou leitor...” (Paz e Moniz; 2004: p.126). Diniz (1994:p.60) acrescenta “ (...) ligado a um espaço geográfico e a uma determinada época, o que não acontece nos contos que são situados num passado indefinido e num espaço indeterminado”. Quase todas as lendas se passam num castelo, num monte, num ribeiro, portanto lugares possíveis e localizáveis.

É este espaço geográfico e temporal que as torna, no nosso ponto de vista, maravilhosas, pois o relato ocorre num espaço terreno, palpável e possível de existir. Pode-se passar em determinado local da cidade e dizer que ali apareceu ou aconteceu alguma coisa. A opção por este género literário advém desta proximidade e conhecimentos das “histórias da cidade”.

Para os mais idosos, contarem o que bem sabem e para os mais novos receberem e conhecerem um pouco mais o sua cidade, as lendas são sempre um tipo de narrativa que se utiliza e com agrado. Em geral, a lenda é narrada pelos mais velhos para que no futuro, quando passearem em determinado local saberem o que se passou ou ocorreu, ou seja, conhecerem a sua história local e os aspetos que constroem a sua identidade coletiva.

Desejamos, ainda que minimamente esclarecer a distinção entre lenda e mito porque muitas vezes ocorre confusão entre conceitos. De acordo com o Dicionário breve de termos literários, o mito é o “ Termo que designa os relatos primitivos cuja finalidade era ensinar o povo sobre as origens do Universo (mitos cosmogónicos) e do Homem (mitos antropológicos). (2004: p.140). Por outro lado, também pode ser considerado como “ (...) uma lenda relacionada com o mundo sobrenatural e que se traduz em actos através de ritos; (...) localizada em tempos e regiões fora do alcance humano e com personagens divinas”. (Bastos; 1999: p.67).

Estes dois géneros diferem, o mito é mais imaterial com personagens divinas (deuses, entidades divinas ou seres sobrenaturais, demónios...). Por sua vez as lendas adquirem um cariz exagerado da realidade. Dai a dificuldade na sua distinção uma vez que “Os mitos são histórias verdadeiras de conteúdo

religioso sobre o Universo. As lendas são histórias reais localizadas no espaço e no tempo, que podem incorporar elementos inventados ou fantasiados”. (Parafita; 2012: p.82). O mesmo autor indica que o mito é uma variante pragmática da lenda.

Poucos pesquisadores procuraram classificar as lendas como aconteceu com os contos, tendo em vista que vários autores o fizeram, podemos inferir que se deve ao facto de ser atribuída às lendas, uma menor relevância. Mais uma vez o seu carácter geográfico, característica apreciada por nós, é considerado como impeditivo. Os contos apresentam um carácter mais internacional e o mesmo já não acontece com as lendas, que não saem do país, na maioria das vezes, e muito menos da sua região. Seria muito proveitoso que outros países e até mesmo outras regiões conhecessem o vasto património tradicional de várias cidades que produziram lendas de forma abundante e rica.

Parafita (2012) menciona dois autores: Coutinho de Oliveira e Leite Vasconcelos que procederam à classificação das lendas. Coutinho de Oliveira, estudioso do Folclore Amazónico ordenou as lendas como:

- Lendas cosmogónicas (fenómenos da natureza astronómica ou meteorológica)
- Lendas heróicas (onde se destacam a bravura das personagens)
- Lendas etiológicas (explicação de certos fenómenos)
- Lendas de encantamento (relacionadas com assombração)
- Lendas ornitológicas (relacionadas com as aves)
- Lendas mitológicas (referidas com a mitologia popular)

Esta classificação ocorre do universo específico de lendas do autor.

No nosso país o estudioso que se dedicou à classificação das lendas foi Leite de Vasconcelos, classificando-as da seguinte forma:

- Lendas religiosas (interveniência de entidades divinas)
- Lendas de entidades míticas (intervenção das figuras do maravilhoso popular)
- Lendas históricas (factos da história nacional)
- Lendas de mouras e de mouros (seres da mitologia e da história)
- Lendas etiológicas (explicações de origem onomástica e toponímia)
- Lendas de povoações desaparecidas (explicação popular de terras extintas)

Tanto um autor como o outro classificam as lendas em igual número. Para além disso, concordam na variante etiológica e mitológica. Contudo existem fragilidades nestas classificações, Parafita (2012) enuncia algumas, uma vez que uma mesma lenda poderá ser classificada de duas maneiras. Falando mesmo na existência de uma múltipla classificação para cada lenda.

Atendendo um pouco mais ao pormenor desta ambivalência optaremos para o nosso estudo a classificação portuguesa de Leite de Vasconcelos, pelo vasto leque de lendas portuguesas, detendo numa grande maioria lendas religiosas que o anterior estudioso Coutinho de Oliveira não contemplou. Assim como não existirem muitas lendas envolvendo animais em Portugal.

Acreditamos que ao concluir o nosso trabalho, também, nos será possível arriscar fazer uma categorização mediante à recolha realizada. O caso das lendas é de mais difícil categorização do que os contos porque estes regem-se por princípios comuns, não sendo possível uma dupla classificação como nas lendas. Assim mesmo, atendendo às características que englobam a lenda torna-se bastante difícil o seu agrupamento.

Apresentamos as características das lendas mencionadas pelo autor Jesualdo, referido por Glória Bastos (1999), este enumera três principais características das lendas:

- a apresentação de personagens sobrenaturais
- o pensamento do homem dominado pela força do desconhecido
- o final maravilhoso

Parafita (1999) menciona este desinteresse pelas lendas e refere não existir uma finalidade objetiva, quer de natureza educacional quer de natureza recreativa. Contudo, acreditamos que a realização da nossa intervenção mostra que se é possível valorizar a lenda no contexto educativo e ao mesmo tempo promover o encontro entre gerações distintas.

Acreditamos que as lendas podem ser apresentadas em sala de aula para o ensino, servindo de instrução e facilitador de conhecimento acerca de si e dos outros, além da informação sobre o património oral e do estudo do seu meio envolvente. Além disso serve para divertir, num momento em família entre pais/ avós e netos fomentado a aproximação entre gerações e na criação de laços ou vínculos na família. O momento no qual se narra a lenda, também, poderá ser de descontração em casa, depois de um dia de escola e trabalho. A valorização do património oral pode incentivar o gosto pelo conhecimento das nossas origens, o gosto pela leitura e o gosto pelo saber do que nos rodeia e do que rodeia os outros. As lendas podem promover o sentido consciente de cidadania, contribuindo no processo de identificação coletiva em torno de um projeto comum que diz respeito à vida em comunidade.

A narração das lendas em instituições sociais permite a criação de laços de afinidades e sentimentos entre gerações diferentes, no nosso caso os seniores e as crianças, sendo que, na maioria das vezes, os seniores se encontram institucionalizados sem contacto com familiares devido à emigração. Para as crianças o contacto com os mais idosos poderá ser uma mais-valia porque a maioria não tem ligação com os avós.

Acreditamos também que as bibliotecas municipais ou escolares podem incentivar o conhecimento de lendas aos mais novos numa “Hora do Conto Popular”. Numa forma de aproximar os avós à escola e à biblioteca e no posterior contacto com crianças de diferentes faixas etárias. As lendas podem ainda promover a curiosidade dos mais novos no conhecimento identitário da sua cultura.

Há lendas que permanecem e perduram já há vários anos, vão sendo transmitidas oralmente e depois ocorre um registo para que não se percam. Essas lendas que se tornam ícones e marcas de uma cidade jamais serão esquecidas e devem ser sempre propagadas e é isto que nos propomos a fazer.

Analisaremos no capítulo seguinte a função sócio- educativa e intergeracional da Literatura Popular, de que forma é que este tipo de Literatura pode ser impulsionadora de boas práticas e que resultados podemos esperar na sua utilização nos mais variados contextos.

Capítulo III- A função socioeducativa e intergeracional da Literatura Popular

“Enraizar para ajudar a crescer, parece ser este o novo modelo de ensino que, servindo-se do passado, projecta esses saberes antigos para uma dimensão futura do devir”

(Meireles; 1998: p.7)

Os inúmeros proveitos que se podem tirar da Literatura Popular parecem não estar, nos dias de hoje, a ser bem direccionados. A Literatura Popular intervém em diferentes níveis: nível social, nível pedagógico, nível linguístico, nível psicológico.

A nível social, potencia a interação entre diferentes faixas etárias, promove o aproximar de gerações e de povos distanciados por diferentes culturas e proporciona a socialização. Desenvolve o conhecimento do seu próprio povo no que respeita a tradições, costumes, valores, visão de mundo.

A nível pedagógico, a Literatura Popular é importante na transmissão de saberes e valores culturais. A utilização de textos populares na escola pode ser um grande contributo para uma aprendizagem significativa e pode motivar o gosto pela leitura.

A nível linguístico, pode promover a linguagem, nomeadamente, as rimas e os trava-línguas que são um ótimo instrumento de aprendizagem para crianças em idade pré -escolar. Sobretudo para o desenvolvimento da oralidade nas crianças.

A nível psicológico, permitem melhorar o bom desenvolvimento mental das crianças pois, na medida em que estas se inserem na coletividade compreendem que pertencem a um determinado grupo humano e que este produz de forma semelhante as suas crenças e valores.

Parafita afirma que “Todos os estudos reconhecem que as crianças que, desde cedo, convivem com as rimas infantis, lengalengas, trava-línguas, canções, adivinhas e todos os demais géneros de literatura oral tradicional, com relevo para os contos maravilhosos, são sempre mais capazes intelectualmente do que aquelas que crescem à margem deste convívio.” (2012: p.110).

O autor referido afirma que os géneros da Literatura Popular contribuem na formação global da criança e ajuda da definição da sua sensibilidade. Esta Literatura pode ser um motor da inteligência aprendendo a saber escutar, a saber conhecer o outro, a saber divertir-se em comunidade e a assentir e repartir os códigos vigentes.

Com o aumento da esperança média de vida, detemos um elevado número de pessoas idosas que o governo terá de dar respostas mais significativas travando o seu abandono e a negligência com os mais idosos que temos assistido no nosso país. Torne-se assim crucial a implementação de medidas ou estratégias para que isto não aconteça. Uma dessas medidas poderá ser a interação entre diferentes faixas etárias (fenómeno intergeracional). Como refere Parafita (2012) “ E sendo as populações idosas os intérpretes privilegiados da memória, importa desde logo honrá-las, dignificando os seus testemunhos e os seus saberes, e criando condições para que o convívio intergeracional se mantenha e estimule”. (2012: p. 93).

Podemos aproveitar que uma grande maioria de idosos se encontra em instituições de solidariedade social (IPSS), com valências de creche, pré-escolar, ATL (Atividade de Tempos Livres) para aproximar as crianças aos seniores. É preciso desmistificar junto dos idosos que a idade, a menor mobilidade física ou até mesmo as fracas faculdades cognitivas não são impedimento para a realização de atividades, pois em geral os idosos partem do pressuposto de que são incapazes e encaram a velhice como algo impeditivo e devia ser o contrário. Tal como diz Parafita, “(...) se impõe a necessidade de mantê-los úteis e activos na sociedade, valorizando a sua

intervenção, seja como intérpretes do património imaterial tradicional, seja como “contadores de histórias” em escolas bibliotecas, tertúlias.” (2012: p.93).

O nosso projeto é um projeto intergeracional, pois acreditamos que o património oral é “(...) arte da memória assumida como um veículo de transmissão intergeracional de valores e saberes que definem a estética de vida e a prática social do povo.” (Parafita, 2012: p.66). Assim, na medida em que possibilitamos a aproximação entre crianças e seniores estamos de certa forma a promover o encontro entre gerações diferentes através da partilha de um saber que já foi acumulado e necessita de ser transmitido para poder continuar a existir.

A implementação de projetos intergeracionais relacionais fomenta o convívio e aproximação entre diferentes faixas etárias. Este tipo de projetos pode ser influenciador para promover a socialização, evitando o afastamento e isolamento dos mais idosos e ao mesmo tempo garantir a partilha do património imaterial, uma vez que: “ Um dos grandes desafios colocados ao mundo moderno é a necessidade e urgência da proteção do património cultural imaterial dos povos, que tende a ser aniquilado pelo fenómeno de globalização. Este fenómeno, que atravessa irremediavelmente todas as sociedades, tem vindo a causar, entre outros efeitos negativos, a extinção dos modos de vida locais e o desenraizamento das novas gerações em relação às suas referências culturais”. (Parafita, 2012: p.88).

Os seniores que participaram do nosso projeto tiveram um papel de destaque como contadores e mostraram que sem eles não seria possível a concretização do mesmo. Mostrar que ainda são precisos para a comunidade e que pelo facto de não saberem ler nem escrever, muito menos utilizar um computador ou telemóvel, não são impeditivos para a realização de múltiplas atividades, pois: “Não só as letras ensinam, a escola está em toda a parte, no mundo criado pelo homem, material ou espiritual: em casa, na rua, nos ofícios nos lazeres, em todas as atividades humanas. É-se culto sem saber ler e, em certas circunstâncias, o analfabeto afirma-se mais culto que o letrado” (Coelho; 1984)..

Sentimos que os seniores analfabetos sentem mais preconceito e inibição na participação das atividades, por isso o incentivo para estes necessita de ser maior, mais frequente e orientado. Não se pode esquecer que os seniores “têm o seu mundo”, para mostrar às crianças o mundo das brincadeiras ao ar livre (jogo da macaca, jogo do pau, jogo da roda), mundo das atividades agrícolas (sementeira, lavradas, levar o gado à ordenha da comunidade) sendo eles “letrados” ou não.

No mundo contemporâneo as crianças já não brincam na rua, não participam em brincadeiras ao ar livre, nem nas festividades e pensam que vem tudo do supermercado e, sem dúvida, as relações entre as pessoas passam pelos sistemas de produção e reprodução de bens materiais e imateriais para os quais o mundo das tradições e das memórias nem sempre assume importância. Desconhecem assim as festividades (festas tradicionais da aldeia), o folclore, os ritos, as atividades de trabalho como lavar a roupa no tanque comum da freguesia, cozer o pão no forno coletivo, fazer as romarias até às capelas ou igrejas. Eram nestas festividades, convívios, e ofícios que se partilhavam o que agora conhecemos por géneros da Literatura Popular que iam passando de geração em geração. Estas se constituíam em formas de viver que aproximavam as pessoas e nas quais as histórias eram partilhadas. Queremos que os diferentes géneros da Literatura Popular sejam transmitidos, para que conheçam e saibam o que se fazia antigamente como é que os seus avós se divertiam, como eram os seus ofícios e que narrações, lendas, provérbios advinham do seu modo de vida.

Terminando a parte teórica, o nosso estudo será dedicado às questões metodológicas: apresentaremos a nossa questão de partida que pretendemos ver respondida no final do estudo, bem como os objetivos que pretendemos atingir. Caracterizaremos o contexto e o público – alvo e que materiais usamos para avaliar o nosso projeto: grelhas de observação; notas de campo; inquérito aos seniores; desenhos.

PARTE II – ENQUADRAMENTO METODÓGICO

Capítulo I – Opções Metodológicas

1.1. Questão de partida

Tendo em vista que o nosso projeto focaliza o património cultural e a aproximação entre crianças e seniores, a nossa pergunta de partida situa-se em encontrar resposta para a seguinte questão: “ Pode a Literatura Popular promover a aproximação entre as gerações na faixa etária do pré-escolar e os seniores?” .Assim pretendemos saber se é possível o encontro intergeracional através da literatura de cariz oral, portanto popular.

1.2. Objetivos

Os objetivos do projeto estão construídos no sentido de poder obter resposta para a nossa questão de partida e se constituem em:

Objetivo Geral:

- Preservar a tradição oral através da aproximação de crianças do pré-escolar e os seniores.

Objetivos específicos:

- Desenvolver a integração entre gerações através da tradição oral
- Gerar dinâmicas de oralidade que sejam capazes de promover a interação ativa entre dois grupos etários distintos
- Promover a memória do património oral
- Evitar o isolamento dos idosos

1.3.Caraterização do contexto

O projeto foi desenvolvido no Centro Social e Paroquial de Arcozelo, no concelho de Barcelos. Este concelho tem 120.391 habitantes, distribuídos por uma área de 378,9 km². A nível escolar 9.229 habitantes não apresentam nenhum nível escolar, 3.085 frequentam o ensino pré-escolar; 3.8284 estudam no 1º Ciclo; 20.485 no 2º Ciclo e 20.904 no 3º Ciclo. Estão 5.612 a frequentar o ensino secundário, 8.586 tem o ensino secundário como habilitação e 2.649 tem o ensino secundário incompleto. No ensino pós-secundário está a ser frequentado por 216 jovens; 98 não concluíram e 467 tem o ensino pós-secundário como habilitação. No que concerne ao ensino superior 786 detém Bacharelato; 8.189 uma Licenciatura, 1.633 detém Mestrado e 168 têm Doutoramento.

A freguesia de Arcozelo faz fronteira com as freguesias de Tamel São Veríssimo, Vila Boa, Lijó, Vila Frescainha São Pedro, Rio Covo S. Eugénia e Barcelos. No que concerne a atividades económicas a população distribui-se pela indústria têxtil, indústria de malhas, calçado e mobiliário. Também pelo comércio e serviços e cerâmica artística. Relativamente à agricultura, esta é mais de subsistência e para venda na feira semanal.

Arcozelo é uma das sessenta e uma freguesias do concelho, sendo a mais populosa com 1.2840 habitantes, com 5.721 de população empregada. Distribuída 27 no setor primário, 2.605 no setor secundário, 1.314 no setor terciário na área social, 1.775 no mesmo setor na área económica.

Nesta freguesia estão sediadas instituições desportivas: Clube Desportivo das Andorinhas; Associação de Futebol de Barcelos: Basquete Clube de Barcelos.

Instituições educacionais, possuindo três na área da Educação Especial (APACI – Associação de Pais e Amigos das Crianças Inadaptadas); (APAC –

Associação de e Amigos de Crianças) e (A Nossa História – Associação Pais Apoio a Pessoas com Necessidade Educativas Especiais); Centro Escolar de Arcozelo com 1º Ciclo e Educação Pré- Escolar e da Escola Básica Gonçalo Nunes sede de agrupamento.

Instituições culturais: ARCA- Associação Recreativa e Cultural de Arcozelo e Agrupamento de Escuteiros.

Instituições de saúde: Associação de Diabéticos do Minho; Associação de Epilepsia.

Instituições ambientais: Associação Ornitológica e Associação Columbófila do Souto.

O Centro Social e Paroquial de Arcozelo é uma instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) de cariz religioso que auxilia e procura dar respostas sociais aos habitantes da freguesia e das freguesias vizinhas. Possui valências: centro de dia; creche; serviço de apoio ao domicílio (SAD) e centro de atividades de tempos livres (CATL).

O SAD (serviço de apoio domiciliário), presta serviço durante toda a semana e aos fins-de-semana, ao nível da higiene pessoal, higiene do lar e da roupa. E também alimentação com pequeno-almoço, almoço, lanche e jantar. Esta é uma valência muito procurada pois é a única fonte de contato que muitos idosos têm com as técnicas que se deslocam diariamente a sua casa, contando com apoio, comunicação e cuidados. A instituição nesta valência presta serviço a 72 famílias.

A creche contém 40 crianças que vem dar respostas aos pais que após a licença de maternidade e paternidade precisam de voltar para o seu trabalho. Tem salas em que as crianças são acompanhadas por Educadoras de Infância que fomentam e motivam o seu bom desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo.

Ao Centro de Dia pertencem 19 seniores que recebem a prestação de um conjunto de serviços, como apoio em atividades sócio recreativas e culturais organizadas e dinamizadas com a participação ativa dos seus utentes. As atividades que realizam são: ginástica jogando jogos tradicionais; jogo das cartas e do bingo, trabalhos manuais na confecção de terços, bolsas; visionamento de televisão e filmes, atividades de culinária e passeios. (Ver em anexo nº1). Estas atividades são realizadas em salas amplas e no espaço exterior.

O Centro de Dia possibilitam aos seniores o convívio com novas pessoas e com o pessoal técnico, fomentando novos relacionamentos. Criam-se amizades e partilham-se experiências sempre em um ambiente motivador. Dinamizam-se atividades e fomentam a comunicação e a expressão de sentimentos e pensamentos, tendo em conta a maneira de ser e de estar, identidade, hábitos de vida, religião, cultura de cada um.

No CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres) acolhem-se 112 crianças em idade pré- escolar e 1º e 2º Ciclos. As atividades desenvolvidas são relativas às efemeridades: realização de uma prenda para o dia da mãe e do pai; decoração da sala com temas alusivos às estações do ano; elaboração de máscaras para o Carnaval; construção de uma mensagem e prenda para a comemoração do dia dos avós para oferecer aos seniores da instituição. (Ver em anexo nº2).

Em parceria com a Câmara Municipal a instituição tem diferentes Gabinetes: Social, Economia Familiar, Jurídico, Sócio- Caritativo, Médico e de Enfermagem.

1.4.Caraterização do público- alvo

Os intervenientes no nosso projeto, inicialmente foram oito crianças em idade pré-escolar e posteriormente, a instituição recebeu mais uma.

As crianças são seis do género feminino e três do género masculino. Cinco crianças com cinco anos, que iniciarão no próximo ano letivo para o 1º ano de escolaridade. Três crianças com quatro anos e uma criança com três anos. Todas as crianças são residentes em Arcozelo e frequentam o pré-escolar.

A criança A é do género feminino e tem cinco anos. É de etnia cigana e dos pais desconhecem-se a profissão e habilitações. É finalista do pré-escolar, ingressando este ano no 1º Ciclo. É muito participativa e comunicativa. Identifica o seu nome e o nome dos pais e a morada, indicando também o mês do seu aniversário. Nomeia a mão esquerda e a mão direita, nomeia partes do corpo em si, no outro e no espaço geográfico. Na sua relação com os adultos dirige-se à pessoa utilizando o seu nome, mantendo interações positivas com os mesmos. Em grupo controla o seu comportamento enquanto está zangada, resolvendo os problemas sociais de forma aceitável e concorda com facilidade a derrota e ajuda os colegas em dificuldade. Aceita as ideias dos outros e sabe ouvir, dando conta da existência de diferenças. No que concerne ao seu desenvolvimento cognitivo segura o lápis com tríade perfeita na oposição polegar/ indicador, pinta dentro dos limites e recorta pelo contorno utilizando objetos como moldes, manifestando uma boa motricidade fina. Indica o nome das cores nos materiais ou objetos. Identifica e copia o nome em letra impressa, reproduz grafismos simples, copia os números e diz os mesmos até ao número trinta sem se enganar. Compreende o sentido convencional da escrita, quando pega num livro já coloca o dedo indicador e avança da esquerda para a direita. Conta histórias conhecidas, memoriza canções e poesias, reproduz rimas e lengalengas e reconta histórias através de imagens e responde acertadamente a perguntas relacionadas com as histórias que

ouviu. Expressa-se livremente e com clareza. Articula corretamente e utiliza a linguagem oral para expressar ações, sentimentos e desejos, possuindo vocabulário fluente. É muito autónoma na realização de qualquer tarefa proposta. Apesar de ser uma criança de família com poucos recursos, apresenta um bom desenvolvimento para a sua idade e na sua interação em sociedade.

A criança B é do género feminino tem quatro anos, os pais detêm o 9º ano de escolaridade, a mãe trabalha como controladora de armazém e o pai como maquinista de grua.

Encontra-se no pré-escolar e frequenta a Terapia da Fala uma vez por semana. Ainda não é capaz de dizer o seu nome e o dos pais e a sua morada, diz apenas o seu primeiro nome. Também não é capaz de identificar a esquerda e a direita. Nomeia as partes do seu corpo em si no outro e no espaço geográfico, identificando as características do seu corpo e compara-se fisicamente com os seus colegas. É uma criança muito calma, aceita as derrotas com naturalidade nunca se mostrando zangada com os restantes colegas. Mostra-se sempre disponível para ajudar os colegas e partilha com facilidade os objetos ou materiais, demonstrando uma relação de cuidado com os materiais que manuseia. Aceita as ideias do outro e dá-se conta da existência de diferenças. Na sua relação com os adultos mantém uma interação positiva e dirige-se às pessoas pelos respetivos nomes. Conhece as regras estabelecidas e nunca as desrespeita. Resolve os seus problemas de forma aceitável, não bate nem dá pontapés e cumpre regras de segurança social por iniciativa própria. Em atividade de motricidade fina é capaz de segurar o lápis com tríade perfeita, contudo ainda não está apta para pintar dentro dos limites e de recortar pelo contorno nem de fazer contornos utilizando objetos como moldes. A nível de desenvolvimento cognitivo identifica e copia o nome em letra manuscrita de imprensa, copia os números, dizendo os mesmos até cinco e reproduz grafismos simples. Ainda não compreende o sentido convencional da escrita, não memoriza canções nem poesias, nem conta histórias conhecidas nem reproduz lengalengas e rimas. Não reconta histórias

com imagens e não responde a perguntas relacionadas com as histórias que ouviu. Ainda não é capaz de articular corretamente algumas palavras e também demonstra alguma dificuldade na elaboração de frases. Não possui vocabulário muito fluente nem se expressa livremente e com clareza necessitando de auxílio na realização das tarefas propostas e muitas vezes não se expressa de forma clara necessitando por parte dos adultos de uma maior atenção, para compreender o que pretende. É uma criança muito calma e pacata. Não entra em confrontos com os colegas e é muito tímida. Deverá continuar na Terapia da Fala para o próximo ano letivo para que assim supere estas dificuldades, antes de ingressar no 1º Ciclo de escolaridade.

A criança C é do género feminino e tem quatro anos. A mãe tem o 5º ano de escolaridade e é operária têxtil. O pai é carpinteiro e possui o 4º ano de escolaridade.

A criança sabe indicar o nome dos pais. Frequenta o pré-escolar, não diz o mês nem o dia do seu aniversário. Também não identifica a esquerda e a direita. Identifica partes do corpo em si e no outro e no espaço geográfico, também identificando características do seu corpo e compara-se fisicamente com os seus colegas. É uma criança muito impulsiva, não controlando o seu comportamento quando está zangada, não aceita as derrotas, nem ideias diferentes das suas. Na maioria das vezes não partilha os objetos ou materiais com os restantes colegas, não resolve os problemas sociais de forma aceitável chegando mesmo a bater nos colegas. É incapaz de ajudar os colegas em dificuldade. Na sua relação com os adultos dirige-se às pessoas pelos nomes e mantém interações positivas com os adultos, embora não cumpra as regras estabelecidas. Ao nível de desenvolvimento da motricidade fina segura o lápis de forma perfeita, posição polegar/ indicador, contudo ainda demonstra dificuldades na cópia do seu nome em letra imprensa, reproduz grafismos simples com alguma dificuldade. Não pinta dentro dos limites, nem recorta pelo contorno, nem faz contornos utilizando objetos como moldes. A nível da matemática não desenha as figuras geométricas, é capaz de copiar os números e de os dizer até dez. Ainda não compreende o sentido convencional

da escrita, tem dificuldade em contar histórias conhecidas e de memorizar canções, bem como poesias. Apresenta dificuldades na reprodução de lengalengas e rimas. Reconta com dificuldade histórias através de imagens e não responde a perguntas relacionadas com a história que ouviu. Utiliza linguagem oral para expressar ações, sentimentos e desejos, articula as palavras corretamente e possui vocabulário fluente, expressa-se livremente e com clareza. A sua impulsividade condiciona a sua socialização porque uma vez que não partilha e não aceita perder em nenhum jogo, então compromete o seu relacionamento com os restantes colegas. A técnica tem procurado ajudar na sua socialização em grupo, principalmente na partilha e comportamento, para que a criança em questão se torne menos agressiva.

A criança D é do género feminino e tem cinco anos. Ambos os pais são licenciados, sendo a mãe Educadora de Infância e o pai, Gestor.

Frequenta o pré-escolar e ingressará para o 1º ano de escolaridade este ano. Diz o nome dos pais e a sua morada, assim como a profissão dos pais. Diz o mês, dia e ano do seu aniversário. Identifica a esquerda e a direita, assim como as partes do corpo em si e no outro e identifica as características do seu corpo. Controla o seu comportamento quando está zangada, contudo não aceita os pequenos fracassos com naturalidade. É capaz de ajudar os colegas em dificuldades e escolhe os amigos para brincar e jogar. Manifesta atitudes de cuidado face aos objetos. Na sua relação com os adultos dirige-se à pessoa pelo seu nome e mantém interações positivas com os adultos. Dá-se conta da existência da diferença, por vezes tem dificuldade em aceitar as ideias dos outros. Resolve os problemas sociais de forma aceitável e cumpre as regras de segurança social por iniciativa própria. Apresenta um bom desenvolvimento, quer ao nível da motricidade fina quer ao nível cognitivo. Ao nível da motricidade fina, segura o lápis com tríade perfeita, pinta dentro dos limites e faz contornos utilizando objetos como moldes, consegue recortar pelo contorno. A nível cognitivo, no português, identifica e conhece as letras do alfabeto e o seu respetivo som. Na matemática, desenha e identifica as figuras geométricas, o quadrado, o retângulo e o triângulo, copia os números e diz os

números até quarenta, executa somas simples com o auxílio de lápis, enumera o nome das cores de algum objeto ou material. Expressa-se livremente e com clareza, possuindo vocabulário fluente e articula as palavras corretamente e, na sua maioria, também corrige os colegas quando não as articulam de forma correta. Utiliza a linguagem oral para expressar ações ou sentimentos. Conta histórias conhecidas, memoriza canções e poesias e reproduz lengalengas e rimas. Reconta a história com ou sem ajuda de imagens e responde a perguntas relacionadas com as histórias que ouviu. É uma criança muito comunicativa e expressiva no relato das suas atividades escolares. É muito carinhosa com os restantes colegas, é muito autónoma na execução de qualquer tarefa proposta, quer em sala quer fora da sala, na casa de banho ou refeitório. Já é capaz de dar nós, de atar os atacadores autonomamente sem auxílio de adultos.

A criança E é do género feminino e tem três anos. Não tem os progenitores vivos e está à guarda de uma tia que está desempregada.

Frequenta o pré-escolar, não é capaz de dizer o nome dos parentes mais próximos, mas identifica o grau de parentesco. Ainda não sabe distinguir a esquerda da direita, mas identifica as partes do corpo em si assim como identifica as características do seu corpo e compara-se fisicamente com os seus colegas. Controla o seu comportamento quando está zangada e aceita as derrotas e partilha os objetos e materiais. É muito participativa em todas as actividades, mas necessitando de auxílio na execução de algumas actividades mais complexas. Manifestando atitudes de cuidado face aos mesmos. Na sua relação com os adultos dirige-se para a pessoa utilizando o nome e manifesta interações positivas com os mesmos. Dá-se conta da existência da diferença, aceitando as ideias do outro. Cumpre as regras estabelecidas por iniciativa própria e resolve os problemas sociais de forma aceitável. Já é capaz de segurar o lápis na posição perfeita. Ao nível da motricidade fina ainda não consegue recortar pelo contorno, nem faz contornos utilizando objetos como moldes. Nos desenhos, não pinta dentro dos contornos. Não identifica e copia com dificuldade o seu nome em letra imprensa, não reproduz grafismos

simples. Não copia os números e ainda não tem presente a noção de número. A nível cognitivo, não compreende o sentido convencional da escrita, não conta histórias, nem responde as questões relacionadas com a história que ouviu, nem memoriza as canções ou poesias, nem reproduz lengalengas e rimas. Contudo, articula corretamente as palavras, mas possui vocabulário pouco fluente, também não se expressa de forma fluente e clara. É a criança mais nova do grupo, necessitando ainda de bastante atenção e cuidado na realização das tarefas, precisando de apoio permanente nas tarefas. É uma criança pouco autónoma necessitando sempre de ajuda na deslocação à casa de banho, nas refeições e, ainda, de ajuda com o vestuário para vestir o casaco ou camisola.

A criança F é do género masculino e tem cinco anos. Ambos os pais têm o 12º ano de escolaridade. A mãe é Operária Têxtil e o pai é Agente da PSP. Frequenta o pré-escolar e é finalista. Diz o nome dos pais e a morada, identifica relações de parentesco. Contudo, tem alguma dificuldade em dizer o mês do seu aniversário e não identifica a direita e a esquerda, apresentando alguma dificuldade. Identifica as partes do seu corpo em si e identifica características do seu corpo e compara-se fisicamente com os colegas. Não controla o seu comportamento quando está zangado e na resolução do problema nem sempre os resolve de forma aceitável, apresentando algumas vezes um comportamento impetuoso. Conhece as regras estabelecidas, mas por vezes não as cumpre. Tem alguma dificuldade em aceitar a derrota ou a perda de algum jogo quando está com os colegas. Na sua relação com os adultos, diz o nome das técnicas e mantém iterações positivas com os adultos. Segura o lápis com tríade perfeita na oposição do polegar / indicador. Pinta dentro dos limites, recorta pelo contorno e faz contornos utilizando objetos como moldes. Ao nível da matemática conhece e desenha as figuras geométricas, quadrado, círculo, triângulo, copia os números e diz os números até vinte. Identifica a cor de um dado objeto, assim como na pintura de um desenho enumera as cores que utilizou. Ao nível da língua portuguesa conhece o sentido convencional da escrita, identifica e copia o seu nome em letra de imprensa, reproduz grafismos simples. Articula corretamente, possui

vocabulário fluente e utiliza a linguagem oral para expressar ações, sentimentos e desejos. Conta histórias e responde a questões relacionadas com as histórias que ouviu, reconta a história através de imagens. Memoriza canções e poesias, reproduz lengalengas e rimas. É uma criança comunicativa e participativa, contudo ainda não consegue concentrar-se quando tem de realizar alguma tarefa, apresentando dificuldade em se focar na execução das atividades.

A criança G é do género masculino e tem cinco anos. Ambos os pais têm o 6º ano de escolaridade. A mãe é Empregada de Balcão e o pai é Operário da Construção Civil.

A criança frequenta o pré-escolar e entrará, no próximo ano letivo, para o 1º ano de escolaridade. Sabe dizer o nome dos pais e a morada. Identifica relações de parentesco, não sabe dizer o mês do seu aniversário. Reconhece a esquerda e a direita e identifica as partes do corpo em si, no outro e no espaço geográfico e reconhece as características do seu corpo e compara-se fisicamente com os seus colegas. Controla o seu comportamento quando está zangado, mas não aceita as pequenas derrotas com naturalidade e, por vezes, não resolve os problemas sociais da melhor forma. Na sua relação com os técnicos dirige-se à pessoa pelo nome e mantém interações positivas com os adultos. Dá-se conta da existência de diferenças e aceita as ideias do outro. Conhece as regras estabelecidas todavia nem sempre as cumpre. Segura o lápis perfeitamente, pinta dentro dos limites, recorta pelo contorno e faz contornos utilizando os objetos como moldes. Na matemática ainda não é capaz de desenhar nem reconhecer as figuras geométricas, não copia os números e diz até vinte. Sabe mencionar as cores. Na língua portuguesa identifica e copia o seu nome em letra de imprensa e reproduz grafismos simples. Não compreende o sentido convencional da escrita, nem conta histórias conhecidas. Memoriza canções e poesias e reproduz lengalengas e rimas por ser de curta extensão e fácil memorização. É uma criança muito irrequieta e de difícil concentração. É capaz de recontar histórias através de imagens e de responder a questões simples sobre a história que ouviu. Por

vezes não se expressa livremente e com clareza, possui vocabulário fluente, contudo como é uma criança muito “brincalhona” tem tendência a infantilizar as palavras e não executa as tarefas de forma correta. É uma criança autónoma.

A criança H é do género masculino e tem cinco anos. A mãe tem o 9º ano de escolaridade e é Operária Têxtil. Do pai não se encontram dados disponíveis.

A criança frequenta o pré-escolar e iniciará, no próximo ano letivo, o 1º Ciclo de escolaridade. Diz o seu nome e o nome da mãe. Identifica as relações de parentesco, não diz o mês do seu aniversário. Identifica a mão esquerda da mão direita e identifica partes do seu corpo no espaço, identifica características do seu corpo e compara-se fisicamente com os seus colegas. É uma criança muito participativa e calma, controlando o seu comportamento quando está zangado e aceitando as derrotas e pequenos fracassos com naturalidade. Cumpre as regras de segurança social por iniciativa própria e resolve os problemas sociais de forma aceitável. Na sua relação com os adultos chama as técnicas pelo seu nome e mantém interações positivas com os adultos. Dá-se conta da existência da diferença e aceita as ideias do outro. Conhece e respeita as regras estabelecidas. Segura o lápis com tríade perfeita, pinta dentro dos limites, recorta pelo contorno e faz contornos utilizando objetos como moldes. Na língua portuguesa identifica o seu nome em letra de imprensa e reproduz grafismos simples e compreende o sentido convencional da escrita. Conta histórias conhecidas, reconta histórias através de imagens e responde a questões relacionadas com as histórias que ouviu. Memoriza canções e poesias, reproduz lengalengas e rimas. Articula corretamente, expressa-se livremente e com clareza e utiliza a linguagem oral para expressar ações, sentimentos e desejos, possui vocabulário fluente. Na matemática desenha as figuras geométricas e sabe nomeá-las, copia os números e sabe contar até quarenta. Conhece as cores e sabe nomeá-las, identifica a cor de um determinado objeto. É uma criança autónoma na realização de todas as atividades e muito participativa e comunicativa. Ainda não consegue apertar os

atacadores e mostra dificuldade. Participa sempre em quase tudo com bastante atenção e perfeição no que lhe é proposto.

A criança I é do género feminino e tem quatro anos. Os pais têm o 6º ano de escolaridade. A mãe é Operária Têxtil e o pai é Motorista de Pesados.

Esta criança frequenta o pré-escolar. Começou a frequentar a instituição desde janeiro deste ano. Diz o seu nome e o nome dos pais e identifica a relação de parentesco. Ainda não identifica a esquerda e a direita. Identifica as partes do corpo em si. Identifica características do seu corpo e compara-se fisicamente com os colegas. Controla o seu comportamento quando está zangada e aceita as derrotas e os pequenos fracassos com naturalidade. Cumpre as regras de segurança social e resolve os problemas de forma aceitável. Na sua relação com os adultos chama as técnicas pelo nome e mantém interações positivas com os adultos. Dá-se conta da existência da diferença. Aceita as ideias do outro e conhece as regras estabelecidas. Manifesta atitudes de cuidados face aos objetos. Segura o lápis com trípode perfeita. Não pinta dentro dos limites, nem faz contornos utilizando os objetos como moldes. Não desenha o círculo, o quadrado e o triângulo. Identifica e copia o nome em letra de imprensa e reproduz grafismos simples. Não compreende o sentido convencional da escrita. Não conta histórias conhecidas, nem responde a questões relacionadas com a história que ouviu. Também ainda não é capaz de recontar a história através de imagens. Memoriza canções e poesias por serem textos de fácil memorização. Ainda não consegue reproduzir lengalengas e rimas. Utiliza a linguagem oral para expressar ações, sentimentos e desejos, articula corretamente e possui vocabulário fluente.

Passamos agora para a caracterização da outra parte da nossa amostra, ou seja, os seniores, sendo um grupo de catorze do género feminino e cinco do género masculino e com idades compreendidas entre 64 e 90 anos (com exceção de dois utentes, um com 43 deficiente visual e o outro com 50 anos que apresenta problemas de saúde).

Quatro seniores são analfabetos, sete detêm escolaridade entre a 1ª classe e a 4ª classe. Os dois seniores mais novos detêm o 6º ano de escolaridade como habilitação. Relativamente ao projeto, participaram onze seniores como narradores e dois seniores na pintura da capa do livro e um sénior que participou na narração e também na pintura. Uma sénior faleceu e os restantes seniores não participaram na atividade porque já lhes foi diagnosticado demência. Nesta doença ocorre uma perda da função cerebral que causa problemas cognitivos, falhas de memória e no raciocínio afetando, em alguns, casos a linguagem.

A sénior A tem oitenta e dois anos e frequentou a 3ª classe num colégio de freiras e completou o 4º ano pelas Novas Oportunidades. É viúva e foi Operária Têxtil. Frequenta o Centro de Dia há dois anos e meio, vive sozinha e reside em Arcozelo. É uma sénior que participa ativamente nas propostas que lhe são feitas, demonstra empenho e bastante autonomia. Participou na atividade sem receio mostrou-se logo disponível para ser a primeira a narrar a sua história às crianças. A nível cognitivo possui uma elevada capacidade de armazenamento e retenção da informação, bem como seguir as instruções de forma autónoma e adequada.

O sénior B tem cinquenta anos e tem como habilitações o 6º ano de escolaridade. É casado e foi electricista. Frequenta o Centro de Dia há cerca de dois anos e meio, vive com a mulher e filha e reside em Arcozelo. Possui doença hepática e limitações a esta associada, nomeadamente físicas e sociais. Inicialmente relutou em participar na atividade uma vez que nunca tinha contado nenhuma história para ninguém. Mas com o avançar do projeto foi ganhando mais confiança e entusiasmo para passar aos mais novos os seus conhecimentos.

A sénior C tem setenta e sete anos e possui a 3ª classe. É viúva e foi operária têxtil. Frequenta há dois anos e meio o Centro de Dia. Vive com o filho e reside em Arcozelo. É autónoma na realização da maioria das atividades do

centro e na vida diária. Possui capacidade para compreender e seguir as instruções que lhe são facultadas. No convívio com os mais novos mostrou desde o início a sua vontade em participar.

A sénior D tem noventa anos e possui a 2ª classe. É viúva e foi doméstica. Frequenta o Centro de Dia há cerca de dois anos e meio. Reside com a filha e vive na freguesia de São Veríssimo. Possui limitações físicas (está em cadeira de rodas), no entanto a nível cognitivo é capaz de perceber e seguir as instruções recebidas corretamente. Manifestou bastante interesse na participação da atividade e no contacto com os mais novos, uma vez que tem netos com a mesma idade dos que participaram na atividade.

A sénior E tem sessenta e quatro anos e frequentou até a 4ª classe. Foi Operária Têxtil. Frequenta o Centro há dois anos. Vive com o marido em Arcozelo. Do ponto de vista cognitivo demonstra competências de orientação, retenção da informação, de linguagem e faz uma gestão autónoma do seu dia. Participou ativamente em toda a proposta com os mais novos, sempre motivada e empenhada.

A sénior F tem oitenta e dois anos, não sabe ler nem escrever. Foi doméstica e é casada. Frequenta o Centro de Dia há cerca de oito meses. Vive com o marido em Arcozelo. A sénior apresenta algumas limitações físicas, contudo cognitivamente é capaz de executar as pequenas tarefas propostas. Apesar de não ter nenhuma escolaridade, mostrou-se sempre disponível em participar com o seu pequeno contributo que foi muito enriquecedor para os mais novos.

O sénior G tem quarenta e três anos e tem o 6º ano de escolaridade. É deficiente visual. Nunca teve nenhuma profissão. Frequenta o Centro há cerca de dois anos e dois meses. É solteiro e reside sozinho em Alvito S. Martinho. Não apresenta quaisquer problemas físicos ou cognitivos, para além da invisualidade. É sociável mas nem sempre demonstra participação e interesse em participar nas atividades propostas pelo Centro, pois não considera que sejam adequadas para ele. A instituição procura sempre motivá-lo a participar

ativamente para que se sinta mais confiante na realização do que lhe é proposto. No que concerne à atividade de projeto participou ativamente interagindo confiantemente com os mais novos. Estes, ao verem-no pela primeira vez, questionaram sobre a bengala que trazia consigo para auxiliar no trajeto. As crianças desejavam saber se a bengala era utilizada sempre que saía de casa no qual respondeu sim.

A sénior H tem oitenta e dois não sabe ler nem escrever, é viúva e foi doméstica. Frequenta o Centro há cerca de dois anos e meio. Reside com o filho e a nora em Arcozelo. A nível cognitivo esta sénior encontra-se bastante orientada no tempo e espaço, raramente necessitando de ajuda para as tarefas mais rudimentares.

A sénior I tem setenta e oito anos e tem 3ª classe. É viúva e foi doméstica. Frequenta o Centro de Dia há cerca de dois anos e meio. Reside com uma filha em Arcozelo. Possui capacidade para armazenar e reter informação, fazer cálculos e seguir as instruções. Não possui comprometimento cognitivo, embora apresente algumas limitações físicas (equilíbrio, locomoção). Participou na atividade proposta com empenho e dedicação e sempre com a preocupação para que esta corresse bem.

A sénior J tem oitenta anos, e tem a 1ª classe. É viúva e foi doméstica de profissão. Frequenta o Centro há cerca de dois anos e meio. Reside com filho e a nora em Arcozelo. A nível físico já apresenta alguns problemas de mobilidade, necessitando de auxílio para se deslocar em longas distâncias. A nível cognitivo é capaz de realizar as tarefas que lhe são propostas. Na atividade participou muito dinamicamente e de forma muito animada ao estar com as crianças.

O sénior K tem setenta anos e tem a 3ª classe. É casado e foi operário da construção civil. Frequenta o Centro há cerca de dois anos e meio, vive com a esposa em Arcozelo. A nível físico e cognitivo é bastante autónomo contudo executa as tarefas com alguma relutância é sempre necessário solicitar pela segunda vez a execução das tarefas, uma vez que de forma muitas vezes

escolhe, inicialmente, não participar. Na atividade de projeto apresentou alguma relutância com o sénior B, mas depois à medida que o projeto foi avançando e com o incentivo dos restantes seniores, participou de forma dinâmica.

O sénior L tem setenta e nove anos não sabe ler nem escrever. Frequenta o Centro de Dia há cerca de dois anos e meio. Reside em Arcozelo não tendo nenhum contacto com familiares próximos. Apresenta algumas dificuldades cognitivas e sensórias. Não manifesta interesse em participar em qualquer atividade proposta. No que respeita ao projeto, participou na pintura da capa para o livro com alguma reticência, mas no final foi fascinante ver a sua postura e participação juntamente com as crianças na pintura do desenho.

O sénior M tem oitenta e quatro anos e não sabe ler nem escrever. Frequenta o Centro de Dia há cerca de sete meses. Reside em Arcozelo sozinho. É dos mais recentes do grupo, no entanto a sua integração foi conseguida com bastante sucesso. A nível cognitivo encontra-se um pouco lento a nível de raciocínio e rapidez de processamento de informação.

1.5. Investigação Educativa

Apresentaremos as escolhas metodológicas do nosso trabalho, justificando a sua opção metodológica para a investigação no contexto, análise e recolha dos dados.

Os autores Sousa e Baptista afirmam que “A metodologia de investigação consiste num processo de selecção da estratégia de investigação que condiciona por si, a escolha das técnicas de recolha de dados, que devem ser adequadas aos objectivos que se pretende atingir”. (2011: p.52). Sendo assim, acreditamos que de acordo com o nosso estudo e contexto de intervenção o melhor seria a opção por uma metodologia qualitativa e focalizada no Estudo de Caso.

1.6. Investigação Qualitativa – Estudo de Caso

A investigação será qualitativa, também designada por naturalista, pois o investigador tem um papel bastante ativo em todo o projeto. Será uma investigação qualitativa porque os dados recolhidos são generalizados e decorrem da análise em contexto baseada em observações de imagens, comportamentos, atitudes e palavras. Recolheremos os desenhos das lendas das crianças e recorreremos a uma gravação áudio das lendas dos seniores, pois “(...) os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem(...)” (Creswell,2010: p.184). Segundo o mesmo autor “ (...) centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou valores.”

O investigador desempenha um papel bastante ativo e participativo, demonstrando um maior interesse no processo investigativo do que nos resultados, tal como refere Cresweell, os investigadores qualitativos se “ (...)”

baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos de análise de dados e usam estratégias diversas de investigação.” (2010: p.184).

Segundo o autor referido acima (idem), a coleta de pesquisa qualitativa envolve quatro tipos de instrumentos básicos: observação, entrevistas, recolha de documentos e recolha de material áudio e visual. Dos quatro tipos, abordaremos três. A observação, na qual o investigador toma notas de campo “in loco” e os apontamentos que possa considerar mais importantes, além de fazer a recolha de documentos e recolha de material áudio e visual proveniente do seu estudo. No nosso projeto observaremos os vários intervenientes, recolhemos material áudio e visual e procederemos a uma recolha de notas de campo que considerarmos importante para o nosso estudo.

Dentro da investigação qualitativa encontramos diversos tipos de estudos, sendo que optamos pelo estudo de caso, pois trata-se da “Exploração de um único fenómeno, limitado no tempo e na ação onde o investigador recolhe informação detalhada. É um estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida, um caso, que é único, específico, diferente e complexo.” (Sousa e Baptista; 2011: p.64). Para Yin (2010) um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes. O nosso trabalho é um estudo de caso uma vez que pretendemos saber se a Literatura Popular pode promover a aproximação de crianças em idade pré-escolar e seniores com numa determinada realidade de convívio. Portanto será necessário analisar e compreender a situação das crianças e dos seniores que frequentam a instituição que nos serviu de contexto de intervenção.

De imediato observamos como problema a não existência de atividades intergeracionais e partimos do pressuposto de que a Literatura Popular, de cariz oral, poderia se constituir num poderoso elemento de aproximação dos públicos em questão. Pretendemos transformar uma determinada realidade, ou seja, produzir uma mudança social e oferecer “(...) ajuda às pessoas a viverem uma vida melhor.” (Bogdan & Biklen 1984: p.301).

1.7. Grelhas de Observação

O nosso principal instrumento para a recolha de dados foi a observação direta e participativa. Para a realização do nosso estudo foi necessária a construção de uma grelha de observação. Construímos a nossa grelha sobre três distintas dimensões: interação e socialização; comunicação e linguagem e competências cognitivas.

Tal como afirmam Sousa e Baptista, a “ (...) observação é uma técnica de recolha de dados que se baseia na presença do investigador no local da recolha desses mesmos e pode usar métodos e categorias descritivas ou narrativas” (2011: p.88). É uma observação participante “(...) pretende compreender, num dado meio social, um fenómeno que lhe é exterior e que lhe vai permitir integrar-se nas actividades/vivencias das pessoas que nele vivem, realizando desta forma o trabalho de campo.” (Sousa e Baptista, 2011: p.89).

1.8. Notas de Campo

Para além das grelhas de observação consideramos importante realizar apontamentos, assim assumimos que na observação participante, a recolha de notas de campo é importante na medida que nos permite tomar anotações ou apontamentos sobre o que se está a pesquisar. “(...) as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras no local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo- a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações (Bogdan e Biklen, 1994:p.152).

1.9. Desenhos

No nosso estudo, também, procuramos analisar os desenhos realizados pelas crianças, pois “A análise documental constitui-se como uma técnica importante na investigação qualitativa – seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja através da descoberta de novos aspectos sobre um tema ou problema”. (Sousa e Baptista; 2011: p.89).

1.10. Inquérito de satisfação aos seniores

Com o objetivo de complementar e enriquecer os dados recolhidos, entendemos que seria necessário obter algumas informações do grupo de seniores a posteriori ao desenvolvimento do projeto, assim consideramos oportuno realizar um inquérito de satisfação. “Nos inquéritos devem fazer-se as mesmas perguntas aos indivíduos e, tanto quanto possível, nas mesmas circunstâncias”(Bell; 2010: p.27) Este foi respondido por todos os seniores que participaram na atividade e permitiu “(...) recolher informação sobre uma grande variedade de comportamentos de um mesmo indivíduo, ou quando pretendemos conhecer o mesmo tipo de variável em muitos indivíduos”(Sousa e Baptista:2011; p.90). O inquérito foi bastante significativo para se conhecer a opinião dos integrantes do grupo e assim melhor conhecer sobre a eficácia do projeto desenvolvido, seus pontos fracos e seus pontos fortes e como, em parte, o mesmo poderá favorecer outros grupos e instituições. Com a realização do inquérito pretendíamos recolher informações se o projeto foi importante e se serviu para estimular as capacidades cognitivas e sociais dos seniores, assim como promover a interação entre os dois grupos do nosso estudo.

Capítulo II – Apresentação e interpretação dos dados

1. Análise das Grelhas

Para cada uma das seis lendas narradas foi elaborada uma grelha de observação com indicadores que nos fossem úteis para a observação cuidadosa da reação do nosso público infantil face às lendas narradas e seus narradores. (Ver em anexo nº3)

As grelhas observadas avaliam três distintas dimensões: interação e socialização ou seja, o modo como as crianças participam na atividade demonstrando atenção, interesse ou não. Na segunda dimensão detemo-nos sobre as competências de comunicação, ou seja, a comunicação entre a criança e o sénior narrador, se fala de forma clara com o mesmo e se utiliza linguagem adequada para a sua faixa etária e se desenvolveu novo vocabulário a partir das histórias. Na terceira dimensão, analisaremos as competências cognitivas referentes à capacidade de fazer associações, comparações, compreender as metáforas e o sentido do texto..., ainda nesta dimensão analisaremos a forma de como a criança desenha: se é de forma autónoma, se desenha o ícone da lenda ou ainda, se necessita da ajuda de um adulto.

Consideramos que a nossa análise dos dados deveria ter estas dimensões contempladas, pois assim podemos avaliar da melhor forma possível os dados obtidos, embora saibamos que muitas outras dimensões poderiam ser observadas e avaliadas.

Passamos a apresentar a análise de cada lenda narrada e os aspetos mais importantes que foram observados, mediante os nossos objetivos.

Para todas as lendas foram realizados os mesmos procedimentos: o sênior deslocou-se à sala das crianças, esta ficava ao lado da sala de lazer dos seniores. O sênior narrador chegava, sentava-se numa cadeira em frente para as crianças que estavam sentadas no chão. Seguia-se um momento inicial de apresentação do sênior que indicava o nome e a idade. Posteriormente todas as crianças indicavam também o seu nome e idade respetivamente. Após estas saudações iniciais o sênior indicava o nome da lenda e procedia à sua narração. De referir que todos os seniores participam na atividade, mas somente um narra a lenda, sendo que muitas vezes o grupo de seniores ficava inquieto, apresentando alguma ansiedade para a realização da atividade, existiu a necessidade de realizar um trabalho conjunto entre todos, onde cada um contribuiu com acréscimos em cada uma das lendas que foram apresentadas às crianças. Assim puderam se ajudar mutuamente, trabalhando em conjunto para que se chegasse ao resultado final que apresentaremos em seguida. Surgiu por parte de alguns seniores a necessidade de transpor para o papel a lenda, com medo e receio da falha de memória, uma vez que:

“ A passagem a escrito da nossa literatura popular de tradição oral é hoje uma tarefa essencial, pois pela alteração irreversível dos ambientes naturais que viabilizaram a sua permanência, e ainda pela extinção gradual das gerações que vinham sendo o repositório desta arte verbal, acabarão por perder-se”.

(Parafita, 1999: p.45).

1.1. Lenda “O Galo de Barcelos” (Ver em anexo nº4)

Foi observado que na narração desta lenda participaram oito crianças na sua audição. Todas as crianças atingiram o primeiro objetivo da primeira dimensão (Interação e Socialização), participando ativamente na atividade, sem manifestar qualquer tipo de recusa. No segundo objetivo desta mesma

dimensão, que se refere à socialização, também todas as crianças demonstraram atenção, interesse e curiosidade pelo que estava a ser narrado.

No que concerne à segunda dimensão (Comunicação e Linguagem) as crianças foram avaliadas relativamente ao diálogo de apresentação à sénior. As crianças B e E falaram num tom baixo, e de forma hesitante, não comunicando de forma satisfatória com a sénior, portanto o objetivo para estas duas crianças não foram alcançados.

Na dimensão da linguagem, a animadora questionou as crianças, no final da narração da lenda, se sabiam o que era um “peregrino” e nenhuma sabia dizer o que era. Após uma breve explicação por parte da animadora sobre o significado da palavra “peregrino”: “pessoa que fazia caminhadas até uma igreja”, as crianças B e E demonstraram não ter compreendido o significado da palavra, apresentando mesmo dificuldade em pronunciar a palavra “peregrino”. Indagados sobre a palavra “juiz” também não apresentaram conhecimento sobre o significado da mesma. A animadora explicou que um juiz era uma profissão. A criança D, em seguida, mencionou a profissão dos respetivos progenitores, demonstrando que tinha compreendido o que era uma profissão. Quando questionadas pela animadora sobre o trabalho dos pais a criança F foi a única que mencionou que o pai era polícia.

No final do reconhecimento do vocabulário desconhecido, a animadora colocou a seguinte questão às crianças: “Qual é o nome da cidade onde vivem?”. As crianças A, G,F indicaram Arcozelo, as crianças B,C,E não responderam. Só as crianças D e H responderam corretamente, referindo Barcelos. As crianças que responderam Arcozelo mencionaram a sua freguesia, uma vez que a distinção entre cidade e freguesia ainda não se encontra bem assimilada. Foi posteriormente apresentado um mapa da cidade de Barcelos, o qual contemplava todas as suas freguesias, para que as crianças compreendessem a distinção entre cidade e freguesia. Depois da animadora indicar a freguesia e, posteriormente explicou que Barcelos era a terra grande que dentro tinha terras mais pequenas e que uma dessas terras

era Arcozelo. De uma maneira geral, apresentaram alguma dificuldade em compreender o que significava uma cidade e uma freguesia.

Após esta sessão inicial, de assimilar novo vocabulário e do reconhecimento do local onde moravam, foi-lhes apresentado a imagem do Galo de Barcelos em barro, trazido pela narradora. A animadora indagou as crianças se já tinham visto algum Galo parecido com aquele. A criança D disse que já tinha visto um grande, posteriormente a criança H também. As crianças F e G disseram que tinham visto em casa um igual. A animadora explicou que aqueles Galos Grandes que tinham visto estavam lá por causa desta Lenda ou “História Antiga”, porque era a imagem do Galo que tinha cantado na mesa. (designada assim pela animadora, uma vez que ainda não compreendem a complexidade do que é uma lenda e das suas características). Analisamos assim a sua capacidade cognitiva, uma vez que ao ser colocada esta questão as crianças mencionadas em cima associaram e reconheceram o Galo de Barcelos, o que se encontra em grande escala a embelezar a cidade e o que tinham em casa.

Nesta dimensão cognitiva avaliamos também a forma como a criança desenha se é autónoma ou se necessita de auxílio de um adulto e ainda se desenha o ícone da lenda. Foi reparado que todas as crianças desenharam de forma autónoma sem necessitarem da ajuda de um adulto e com desenvoltura no grafismo, demonstrando que a representação simbólica através do desenho correspondia à imagem real, embora na maioria dos casos com pouca riqueza de detalhes.

A criança A desenhou um galo. A criança B também só desenhou um galo e o desenho estava muito simples. A criança C já desenvolveu um pouco mais o seu desenho acrescentou detalhes como a cadeia, o juiz e o peregrino. A criança D foi a que retratou com mais pormenor a lenda, desenhando a mesa do jantar, o juiz, o galo a cantar e o peregrino. A criança E apresentou um desenho simples, pois desenhou um galo sem se enquadrar em nenhum contexto, diferentemente da criança A que o contextualizou num jardim. A criança F desenhou um galo, uma mesa e um peregrino. A criança G desenhou

um saco de moedas, detalhe que não foi retratado em mais nenhum dos desenhos, o peregrino e o juiz. A criança H desenhou um galo e uma cadeia. As crianças B e E foram as que apresentaram o desenho mais simples, só um galo e este não estava contextualizado em nenhum cenário, nem se apresentavam outros elementos da lenda. Uns desenhos mais complexos, outros mais simples, mas todas as crianças apresentaram o ícone da lenda, ou seja, o Galo de Barcelos. A representação simbólica da lenda através do desenho leva-nos a inferir que estiveram atentas ao conteúdo da lenda e que foram capazes, em maioria, de transfigurar os principais elementos da “história antiga” realizando a transposição do signo verbal/oral para o signo visual, o desenho.

Observamos que as crianças, talvez por ter sido o primeiro contacto com a lenda e com um narrador sénior que lhes era desconhecido, não interferiram muito durante a narração, bem como não se sentiram totalmente à vontade em fazer perguntas. Por outro lado, constatamos que gostaram do momento, apreciaram a lenda e fizeram comparações entre algumas partes da lenda e o seu conhecimento de mundo. Reconheceram o símbolo da cidade de Barcelos, o Galo que se encontra representado em vários locais e associaram com o Galo que cantou no jantar descrito na lenda. Compreenderam que o Galo da lenda deu origem ao símbolo de Barcelos, ou seja, ao Galo que se pode ter em diversos tamanhos e em vários espaços.

1.2. Lenda “O Milagre das Cruzes” (Ver anexo nº5)

Como aconteceu na lenda anterior, todas as oito crianças participaram na atividade, sendo assim continuamos a ter os primeiros objetivos cumpridos, da dimensão (Interação e Socialização). Todas as crianças estavam atentas e cativadas para ouvir uma nova “história antiga”.

Na segunda dimensão (Comunicação e Linguagem) todas as crianças se apresentaram indicando o nome e idade, contudo as crianças B e E voltaram a ter dificuldade em interagir com o narrador. Procedemos da mesma forma com as apresentações iniciais e denotou-se uma menor comunicação das crianças B e E com o sénior narrador. Estas duas crianças voltaram a ter dificuldade em interagir com o narrador e portanto a participação das mesmas esteve condicionada. De acordo com a caracterização das crianças, consideramos possível inferir que tal dificuldade é apresentada porque as crianças têm dificuldade em interagir e se relacionar com a maioria das pessoas, sobretudo com aquelas que não lhes são familiares. Podemos advir que as crianças tiveram dificuldades pelo facto desta lenda ter sido narrada por um sénior, ou seja, alguém com quem não estavam familiarizadas.

No objetivo da linguagem, a animadora questionou às crianças sobre a palavra ermida, todas as crianças indicaram que não conheciam a palavra. A animadora indicou que era uma igreja pequena. Esta nova palavra foi assimilada por todas as crianças, com exceção da criança E, uma vez que era a criança mais nova do grupo. Neste caso o objetivo em questão não foi alcançado pela criança E.

Após a sénior indicar o nome da lenda e proceder à sua narração, trazendo também um adereço para a sua apresentação tal como tinha acontecido com a narradora da lenda do Galo de Barcelos, assim mostrou às crianças uma imagem da igreja do Senhor da Cruz. A animadora questionou todas as crianças se reconheciam a igreja. As crianças B e E fizeram esse reconhecimento com um aceno de cabeça e as restantes disseram que sim. A criança D indicou que frequentava essa igreja com os pais, a criança F disse que “era a igreja da festa”, uma vez que a festa da nossa cidade de Barcelos é lá realizada. A criança A disse que a igreja era bonita.

Na dimensão cognitiva observamos a capacidade de fazer reconhecimentos, que foi bem conseguida por todos, uma vez que todas as crianças demonstraram que reconheciam o local a partir de recorrerem à imagem mental da memória que possuíam da igreja e referirem que de que lá

já estiveram. Associaram o local da lenda com o local que já viram e frequentaram.

Observamos nesta dimensão também a forma como as crianças desenham. Desenharam de forma autónoma e sem necessitar da ajuda de um adulto. Todas as crianças desenharam uma cruz e uma igreja com a exceção da criança D que desenhou o sapateiro e não desenhou a cruz, e a criança C que desenhou o sapateiro e a cruz. Nesta dimensão podemos concluir que todas as crianças assimilaram esta lenda desenhando os seus elementos mais simbólicos, neste caso a igreja porque todos a tinham reconhecido e desenharam com mais facilidade o que lhe é familiar. Podemos inferir que o facto de desenharem a igreja (à exceção da criança C) podemos concluir que se deve ao facto de conhecerem o local.

De referir a insegurança do narrador, porque este demonstrou-se mais excitante em dinamizar a atividade pela preocupação que esta corresse mal e não se desenvolvesse da melhor forma possível. A preocupação pela narração da lenda foi notória pelos restantes seniores que incentivaram o narrador para que assim ganhasse mais confiança nas suas capacidades. De referir a interajuda e companheirismo existente entre os seniores foi crucial para o desenvolvimento do projeto, uma vez que demonstravam atitudes de reforço positivo para com este sénior hesitante e preocupado com a sua narração.

1.3. Lenda “Os Principais de Vilar de Figos” (Ver anexo nº 6)

Nesta terceira sessão foi observado que os objetivos da primeira dimensão continuaram a ser cumpridos. Todas as crianças participaram na atividade demonstrando bastante interesse e atenção. Mais uma vez a dimensão (Interação e Socialização) foi realizada com êxito.

Na segunda dimensão (Comunicação e Linguagem) constatamos que as crianças B e E procederam à sua apresentação num tom baixo, mais uma vez não

cumprindo os objetivos. Esperamos que estas crianças tivessem mais à vontade e não se sentissem tão inibidas para com a sénior narradora. As restantes crianças voltam a cumprir o objetivo com sucesso. No que respeita à linguagem, esta lenda se constituiu em uma rica experiência, pois apresentava um leque significativo de palavras não conhecidas pelas crianças. O conhecimento da lenda possibilitou a ampliação do vocabulário e o acesso a novos significados. A animadora explicou às crianças quem foram os Árabes e os Cristãos. Falou-se dos símbolos dos cristãos, além de outros símbolos que aparecem na lenda, como a lamparina e um cavaleiro. Denotou-se que todas as crianças mais novas apresentaram dificuldade sobre a assimilação deste novo vocabulário. Por vezes as crianças compreendiam o significado da palavra, mas não conseguiam articulá-las correctamente.

Posteriormente abordamos a dimensão cognitiva da compreensão, as crianças foram questionadas se já tinham ouvido falar de Vilar de Figos. Todas responderam que não conheciam. A animadora voltou a mostrar o mapa da cidade de Barcelos e indicou a freguesia de Vilar de Figos. Era mais uma terra dentro da terra grande que era Barcelos. A animadora em conjunto com as crianças realizaram medições para que auferissem se esta terra Vilar de Figos era longe da terra deles, Arcozelo. Todos verificaram que sim, que era muito longe. Uma vez que a freguesia de Arcozelo se situa no centro rodeada por outras freguesias a de Vilar de Figos fica quase num dos extremos da área geográfica de Barcelos.

Nos desenhos realizados após a narração, todas as crianças desenharam de forma autónoma sem necessitar de ajuda. No que concerne aos seus desenhos sobre a lenda podemos concluir que todas as crianças desenharam um castelo, cabras com os chifres pintados de amarelo para dar a indicação de luz. A criança C acrescentou ao seu desenho um cavaleiro (parecido com o que se encontrava na sala e que serviu de modelo para falar da personagem Árabe).

Em síntese podemos concluir que esta lenda, devido à complexidade de vocabulário, necessitou por parte da animadora de uma melhor explicação com objetos e imagens para que as crianças compreendessem. Denotamos ainda que as crianças têm vindo de forma gradual a mostrar gosto e interesse pela lenda, questionado a animadora quando seria a próxima.

1.4. Lenda das “Cobas Mouras” (Ver anexo nº7)

Nesta lenda tivemos a participação de mais uma criança que entrou para o Centro Social. Todos participaram na atividade e estavam muito atentos. Tal facto nos leva a inferir que com a continuidade do projeto, as crianças foram ficando mais à vontade e motivadas para ouvirem as lendas e estarem com os narradores seniores. Nesta fase, já se pode observar os resultados satisfatórios do trabalho. As crianças passaram a conhecer as histórias locais e a ter mais interesse em representá-las, além de interferirem mais e se comunicarem mais amplamente com os narradores institucionalizados. A primeira dimensão cumprida com sucesso.

A criança B já se mostrou mais comunicativa com o sénior narrador. Contudo a criança E, apesar de termos utilizado muitas estratégias para que se sentisse motivada a se aproximar do narrador, continuava pouco participativa. A criança I, uma vez que entrou a meio do projeto apresentou-se muito calada e a comunicar-se pouco com as restantes crianças, com o sénior e animadora. Ainda não estava à vontade e por isso se mostrava reservada.

No final da narração, a criança G disse: “ Para o ano já vou aprender a ler e vou buscar o tesouro. ” O comentário demonstra o quanto esta criança está motivada para aprender a ler e, de certa forma, ler histórias, pois foi um comentário divertido e cheio de ânimo que aponta para a sua ânsia em saber ler.

Na dimensão da linguagem, a animadora explicou novo vocabulário ao apresentar o livro de S. Cipriano, referiu que se tratava de um livro de feitiços e esclareceu sobre os pré- históricos, que foram um dos primeiros povos a morar na terra. As crianças finalistas do pré – escolar tiveram uma melhor compreensão destes novos significados, a nível de compreensão, portanto área cognitiva, detivemos que esta lenda pelo seu grau de pouca complexidade

foi bastante bem recebida pelas crianças, ou seja, elas se sentiram motivadas por compreenderem rapidamente os significados do texto. A animadora falou-lhes da importância de se ter de trabalhar os vários aspetos das lendas para que assim possam compreender o mundo à volta e se tornarem crescidos, fazendo uma referência ao conteúdo da narrativa referente ao tesouro e o livro de feitiços.

A animadora perguntou às crianças se conheciam algum monte em Barcelos. Todas as crianças responderam que não. Mais uma vez as crianças B, E e I responderam apenas acenando com a cabeça, indicando que não.

No que concerne aos desenhos, mais uma vez todos desenharam de forma autónoma, inclusive a criança I que entrou recentemente para o grupo. Nesta lenda os desenhos apresentados foram os mais próximos dos conteúdos da lenda, uma vez que todas as crianças expuseram um penedo e uma ou mais cobras.

Observamos que a criança I, uma vez que entrou ao meio do projeto, mostrou-se bastante inibida sentando-se junto da técnica na hora da narração. De salientar que participou ativamente no desenho, demonstrando-se sempre confiante e segura.

De um modo geral é satisfatório notar o maior envolvimento entre as crianças e o sénior, transparecendo que o momento era de descontração e convívio.

1.5 Lenda do “Areal de Caíde” (Ver anexo nº8)

Nesta lenda, participaram nove crianças e o primeiro objetivo manteve-se sempre cumprido uma vez que todas as crianças participaram sem nenhuma recusa. A criança B já se mostra mais comunicativa. Contudo as crianças E e I continuam com alguma dificuldade em comunicar com a sénior. Na dimensão da comunicação a criança I e a criança E apresentaram uma pequena melhoria na sua apresentação à sénior.

Na dimensão linguística a animadora explicou o significado das palavras “severo” e “extenso”, pois estes vocábulos ainda não eram conhecidos pelas crianças. Ela explicou-lhes de maneira muito próxima e utilizou estratégias para que as crianças pudessem compreender o significado das palavras desconhecidas. As crianças B,C, E e I apresentaram alguma dificuldade na sua compreensão. As crianças finalistas demonstraram maior aptidão para a assimilação deste novo vocabulário.

Questionados se conheciam a freguesia Areis de Vilar, todas as crianças indicaram que não. As crianças B, E, e I indicaram que não, de novo com um aceno de cabeça. A animadora voltou a mostrar o mapa da cidade para indicar onde ficava a freguesia de Areias de Vilar para que assim, as crianças tivessem a perceção da distância entre as freguesias. Podendo assim as crianças voltarem a fazer uma comparação sobre as distâncias e espaço geográfico. A animadora solicitou que pintassem de cores diferentes no mapa as diferentes terras para contextualizar a criança I e para que as crianças mais novas B e E associassem uma cor a cada uma das terras onde se passou cada lenda, ou seja Arcozelo local onde moram, Vilar de Figos da história das cabras e agora Areias de Vilar, onde vivia o senhor mau e tinha uma quinta. Foi satisfatório voltar a apresentar o mapa e ver que ainda se lembravam do nome e onde ficavam as terras.

Na parte cognitiva da destreza manual, todas as crianças voltaram a desenhar de forma autónoma sem ajuda ou auxílio de adultos.

No que concerne à representação do ícone da lenda, a criança A e a criança D foram as únicas que retrataram a severidade do dono da quinta, enquanto que os restantes apresentaram o dono da quinta contente. As crianças B, E e I apresentam desenhos com pouca nitidez, os que os torna um pouco ambíguos e de difícil interpretação.

Consideramos que o projeto está a ser positivo e que estamos a dar resposta à nossa questão inicial, sendo notório presenciar e assistir a estes momentos em que os seniores se sentem “úteis” para a sociedade e que as crianças usufruam de conhecimentos através deles e privem do convívio com os mais velhos.

1.6. Lenda do “Frade e do passarinho” (Ver anexo nº 9)

A última lenda foi a mais complexa, não só pela sua extensão, mas também pelo seu grau de dificuldade de compreensão. De novo, todos participaram na atividade.

A sénior narradora apresentou-se e uma vez que já possuía o seu cabelo todo branco, a criança G perguntou porque tinha o cabelo todo branco. A sénior com muito bom humor respondeu que tinha apanhado muita neve no cabelo e que ele até ficou branco, criando de imediato empatia com o grupo. Seguiu-se o período das apresentações. As crianças E e I voltaram a demonstrar alguma dificuldade em se apresentarem.

A animadora trabalhou a lenda por partes, em primeiro lugar se sabiam o que era um frade, todos indicaram que não e a animadora explicou que era como se fosse padre, mas diferente e apresentou as principais diferenças, inclusivamente a cor da vestimenta, sendo a do frade castanha. Em seguida, questionou as crianças sobre se sabiam o que era um convento e a resposta, também, não foi positiva. Então a animadora explicou que era o local onde os

padres e outros religiosos viviam. Continuou a rever a lenda, contando o que tinha acontecido a seguir, que o padre viu um passarinho e foi atrás dele, quando deixou de o ver, o passarinho voltou para o convento e a porta já não se encontrava no mesmo lugar. Quando bateu à porta apareceu o guardião que a animadora disse que era o mesmo que o porteiro (como o senhor que guarda o portão da escola). Este foi chamar o padre porque o frade dizia que morava ali, mas o guardião não o conhecia. concluíram que já se tinha passado muito tempo.

A nível do conhecimento e compreensão da linguagem (cognitivo) o facto de compararmos a função do guardião com o porteiro facilitou a compreensão de alguns aspetos da narrativa, ou seja, as crianças passaram a compreender melhor a mensagem do texto. A dimensão temporal que existe nesta lenda, ou seja, terem passado 300 anos foi algo que suscitou muita dúvida por parte das crianças, pois estas não conseguiam compreender a metáfora ou o carácter ficcional da expressão em causa.

Relativamente ao desenho, mais uma vez o objetivo foi cumprido, todas as crianças desenharam de forma autónoma. Todas as crianças desenharam o frade e o passarinho. Contudo, os desenhos das crianças, B, E e I continuam pouco definidos. As restantes crianças representaram o ícone da lenda.

Apesar da complexidade da narrativa e da dificuldade em compreender as metáforas do texto por parte das crianças foi notório ver a descontração entre sénior e as crianças, bem como a confiança estabelecida e os laços que se criaram. Foi gratificante terminar as sessões de animação da leitura desta forma.

1.7. Inquérito de satisfação aos seniores (Ver anexo nº 10)

Foi solicitado aos seniores o preenchimento de um inquérito de satisfação, no qual as opções de resposta eram sim ou não, assim o preenchimento se tornaria mais fácil para o grupo em questão. Uma vez que o grupo tem seniores analfabetos e nunca haviam preenchido um inquérito, solicitamos que as técnicas os ajudassem no preenchimento. Assim, as técnicas liam-lhes as perguntas e depois os seniores indicavam a resposta, foi interessante verificar que todos indicaram que sim em todas as perguntas realizadas. Todos gostaram de participar no projeto e sentiram-se integrados, motivados a participar da vida social e cultural. Consideraram também que este projeto foi útil na aproximação com as crianças e que desejam participar de outros projetos como este, que envolvam crianças, pois se sentiram mais confiantes e autónomos, além de afirmarem que o processo de comunicação com as crianças lhes é mais gratificante e fácil.

Isto poderá dever-se ao facto dos laços que se foram criando entre a animadora, as crianças e os seniores.

1.8. Síntese dos Resultados

A primeira dimensão da nossa grelha de avaliação foi cumprida porque todas as crianças participaram na atividade sem recusas. No objetivo de comunicação com os seniores as crianças B,E e I apresentaram algumas dificuldades. A criança B falou sempre num tom bastante baixo para os seniores, isto poderá dever-se ao facto de esta ser bastante tímida e muito

pouco comunicativa, contudo nas últimas lendas já apresentou alguma mudança de atitude mostrando-se mais comunicativa. A criança E uma vez que é a mais nova do grupo também é bastante tímida e pouco comunicativa. A criança I, uma vez que entrou já a meio do projeto também se mostrou muito pouco comunicativa com os seniores e, também, com as restantes crianças do grupo. Foram estas três crianças que apresentaram mais dificuldade no processo de comunicação com os seniores. Podemos acreditar que o facto de estas serem as crianças mais novas do grupo pode ter interferido no estabelecimento de uma relação mais positiva e próxima com os seniores. Além disso, observamos que estas crianças também tinham dificuldades para estabelecerem comunicação com as demais crianças. Das três crianças em questão, a única que apresentou melhorias foi a criança B, pois nas últimas sessões a criança já falava num tom de voz mais alto, mais confiante e com mais expressividade. Contudo, não se pode negar que as outras duas crianças apresentaram alguma melhoria do ponto de vista da interação e comunicação, bem como no desenvolvimento da linguagem, ainda que pouco significativa.

No que concerne à dimensão da linguagem podemos inferir que as mais pequenas não assimilaram o novo vocabulário apresentado, uma vez que não são detentoras de vocabulário fluente e apresentavam algumas dificuldades na articulação das novas palavras. As restantes, as mais velhas que ingressarão para o 1º Ciclo, já se mostraram mais apropriadas deste novo vocabulário, o que é natural porque são crianças com mais idade e maturidade cognitiva.

No domínio das competências cognitivas acerca do conhecimento e compreensão das lendas, a animadora considerou relevante colocar algumas questões sobre as narrativas às crianças. As questões, na sua maioria, foram sobre o conhecimento acerca dos locais/espacos que aparecem nas histórias narradas. As questões tinham como finalidade saber se conheciam os lugares para poder situá-las geograficamente, dando-lhes outras informações sobre a cidade onde vivem. O objetivo pretendido era que conhecessem as “histórias

da cidade” e acreditamos ter alcançado porque as crianças passaram a falar do assunto e a associar os locais onde frequentam ou passam, aos referidos nas lendas.

No que respeita às capacidades motoras e cognitivas relacionadas ao desenho, todas as crianças desenharam de forma autónoma e sem necessitar do apoio dos adultos. Relativamente ao desenho do ícone da lenda, este objetivo também foi conseguido. Contudo, é de mencionar que mais uma vez as mais novas, crianças B, E e I, apresentaram alguns desenhos um pouco indefinidos quanto à forma, uma vez que a motricidade fina ainda não se encontra totalmente desenvolvida.

De uma maneira geral, o resultado foi positivo para ambos os grupos de participantes, não só pelo contacto privado dos mais idosos com os mais novos, mas também pela aproximação crescente dos mais novos aos mais velhos. Foi gratificante ver a evolução de ambos os grupos, uma vez que nunca tinham privado de momentos mais próximos entre eles, uma vez que o contacto físico que tinham mantido até aqui foi muito superficial, mesmo estando na mesma instituição. Consideramos que foi importante para os grupos poderem se apresentar, falarem de si, mas foi sobretudo importante para os seniores sentir a afetividade espontânea das crianças com quem estiveram durante o período do projeto. Foram momentos bonitos de partilha e de convívio mútuo, onde os mais novos apreenderam com os mais velhos, onde os mais velhos ganharam um novo desejo em participarem em novos projetos ou atividades com os mais novos. Foi possível observar que a aproximação tornou-se mais dinâmica e interessante porque foi mediada pelas histórias, pelas lendas que identificavam os dois grupos com os seus contextos de pertença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final deste projeto conseguimos chegar a algumas conclusões significativas sobre a importância da Literatura Popular e de que forma esta pode promover, ou seja, ser um facilitador na aproximação de distintas gerações.

Iniciamos o estudo com as definições que vários autores apresentaram ao longo dos tempos sobre Literatura Popular/ Oral/ Tradicional, assim como a sua génese. Consideramos o termo Literatura Popular o mais assertivo para o estudo a que nos propusemos. Optamos pela designação de Manuel Viegas Guerreiro, ou seja, Literatura Popular, uma vez que esta se origina na criação e narração de histórias, por isso anónimas e repassadas através da oralidade, sendo difundidas e propagadas sobretudo pelas pessoas “do povo”. Consideramos que para a realização do projeto nos foi essencial a fundamentação teórica, pois esta colocou-nos diante de conceitos importantes, mas principalmente fez-nos refletir criticamente sobre o papel da Literatura Popular e sobre o quanto esta tem sido desvalorizada nos contextos educativos. De facto, esta Literatura pode em muito contribuir na educação de crianças, quer seja para desenvolvê-las cognitivamente, afetivamente ou no que diz respeito a construção identitária e outros aspetos relacionados ao social e cultural.

Terminamos este estudo, com a resposta à nossa pergunta inicial respondida de forma afirmativa. Conseguimos confirmar que a Literatura Popular pode promover a aproximação entre gerações de forma viva, dinâmica e interessante. Através da animação da leitura das lendas trabalhadas

pudemos verificar a mais-valia da integração entre crianças em idade pré-escolar e seniores e de como estes podem favorecer na preservação do património cultural, bem como garantir o espaço para a literatura de carácter oral. Não podemos esquecer de que o gesto de se contar histórias aos mais novos parece existir desde sempre, constituindo-se num eficiente espaço de partilha e regulação social.

Sendo assim, conseguimos valorizar a experiência de se “passar a palavra” através da hora do conto desenvolvida pelos seniores que fizeram parte do nosso estudo, bem como promover o encontro intergeracional, aproximando diferentes gerações em torno da Literatura Popular. Portanto, consideramos que os nossos principais objetivos foram atingidos, ou seja, a preservação do património cultural através das lendas locais, Literatura Popular, a aproximação e integração entre gerações diferentes. Além destes, acreditamos que a experiência ampliou o vocabulário das crianças, promoveu o conhecimento do património cultural local, desenvolveu a capacidade de associação e comparação, a oralidade e outras representações simbólicas quer verbais ou não-verbais. Foi possível verificar que algumas crianças se sentiram mais motivadas para aprender a ler e a buscar conhecimento sobre a história da sua família e da sua comunidade.

É pena a desvalorização dos mais idosos e dos seus conhecimentos, pois sem a transmissão desses saberes podemos perder as nossas raízes culturais, estas são mais fortes quando repassadas pela voz e presença de alguém experiente e que possui uma história para contar. Embora a sociedade contemporânea possua inúmeros suportes de informação, nenhum substitui a palavra viva e passada de pessoa para pessoa.

Tendo em vista que vivemos numa sociedade envelhecida, entendemos que projetos como o que desenvolvemos poderão ser uma mais-valia para

Centros Sociais e Instituições Particulares de Solidariedade Social com valência de centro de dia ou lar de idosos. Poderão ser um espaço de partilha, encontro e aprendizagem para as crianças e ao mesmo tempo colmatar problemas relacionados ao isolamento e solidão dos idosos, fazendo com que estes se sintam úteis e capazes de beneficiar a vida em comunidade, pois a sociedade ainda muito necessita da sua sabedoria.

No princípio foi bastante complicado motivar os seniores para a atividade, pois num primeiro momento só quatro se mostraram disponíveis para participar. De salientar a recetividade dos seniores do género masculino, uma vez que isto de histórias “era coisa das senhoras”. Contudo com o avançar do projeto foi notória e significativa a adesão na participação. Consideramos que a recusa inicial foi por receio de não se sentirem preparados para comunicar com os mais novos. Uma vez que à medida que iam narrando as lendas iam conversando entre si e com as crianças, o medo foi diminuindo e podemos contar com a adesão total dos seniores. Observamos que inicialmente a preocupação incidia no facto de terem dúvidas sobre o que iriam narrar e se as histórias eram adequadas aos mais pequenos, visto que a faixa etária das crianças estava situada entre os três e cinco anos. Decidiram então narrar as “histórias da cidade” ou seja as Lendas para que os mais novos conhecessem um pouco mais sobre o local onde vivem.

Por desejo do grupo de seniores focalizamos nas lendas de Barcelos, pois assim as crianças teriam a oportunidade de conhecer a sua cidade e os seus símbolos. Uma vez que as crianças foram se mostrando sempre muito motivadas, o repertório foi sendo ampliado e surgiram as outras formas da Literatura Popular, tais como adivinhas, contos histórias e trava-línguas... foram apresentados às crianças. Entretanto, o nosso estudo consistiu apenas na observação da hora do conto a partir das lendas.

No final do projeto construímos um livro com a transcrição das Lendas e os desenhos realizados pelo conjunto de seniores e crianças. O livro foi o produto que consideramos mais acessível e adequado para a divulgação do trabalho na própria comunidade, ou seja, tornou-se importante dar a conhecer o projeto para além dos muros da instituição onde este foi desenvolvido (Ver anexo nº11).

A capa do livro foi pintada por quatro crianças e três seniores do género masculino, dois seniores que não haviam participado como narradores por impossibilidades causadas por questões de saúde e um sénior que participou na narração e na pintura. Foi compensador ver que pintaram uma tela com a imagem da cidade que seria a capa do livro, ver a interação dos mais velhos com os mais novos e a forma como comunicaram entre si para chegarem a um brilhante trabalho final, cheio de partilha e vínculo.

Esperamos que este projeto possa ser desenvolvido outros Centros e Instituições Particulares de Solidariedade Social, com valências seniores e pré-escolar para que mais crianças tenham o privilégio de poderem conviver e aprender com os mais idosos, pois estes ainda têm muito para dar à sociedade. Foi uma satisfatória partilha de saberes e conhecimentos. Sentimo-nos privilegiadas por poder ter proporcionado momentos maravilhosos às crianças e aos seniores, estes certamente jamais serão esquecidos porque a experiência da partilha da palavra através das lendas foi como uma porta que se abriu para o conhecimento de si e dos outros, confirmando que a Literatura Popular pode ser um especial instrumento de aproximação entre as crianças e os seniores, além de ser material de preservação da memória colectiva e do património cultural.

Bibliografia

A

Azevedo, Fernando (2013). Clássicos da Literatura Infantil e Juvenil e a Educação Literária. Guimarães: Opera Omina.

B

Bastos, Glória (1999). Literatura Infantil e Juvenil. Lisboa: Universidade Aberta.

Bell, Judith (2010). Como Realizar um Projecto de Investigação (3ª Edição). Lisboa: Gradiva.

Bogdan, Robert & BIKLEN, Sari. (1984). Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora.

Braga, Teófilo (1998). “Nota Preliminar”. In Contos Tradicionais do Povo Português. Lisboa. Volume I. Publicações Dom Quixote.

C

Cavalcanti, Joana (2002). Caminhos da literatura infantil e juvenil:

Dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus.

Cavalcanti, Joana (2006). Malas que Contam Histórias. Lisboa: Paulus.

Ceia, Carlos (2012) Norma para Apresentação de Trabalhos Científicos (9ª Edição). Lisboa: Editorial Presença.

Coelho, Adolfo (1985). “Introdução” In Adolfo Coelho. Contos Populares Portugueses. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Cresweell, Jonh (2010). Projeto de Pesquisa Métodos Qualitativos, Quantitativo e Misto. Porto Alegre: Artmed.

Cunha, Fernanda de Matos (1932). Notas Etnográficas sobre Barcelos. Porto: Imprensa Portuguesa Instituto de Antropologia da Universidade do Porto.

D

Dine, Madalena Jorge & Fernandes, Marina Sequeira (1999). Para uma Leitura dos Contos Tradicionais Portugueses. Lisboa: Editorial Presença.

Diniz, Maria Augusta Seabra (1994). As fadas não foram à escola. A Literatura de Expressão Oral em Manuais Escolares do Ensino Primário (1901-1975). Porto: Edições Asa.

Divin, Margarite (1986). Contos e Lendas do Antigo Egipto. Lisboa: Editorial Verbo.

F

Fernandes, José Manuel Ferreira (2015). Pela nossa Terra- Minho 2015. Empresa Diário do Minho.

Fitzpatrick, Jean Grasso (1998). Era uma Vez uma Família. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA.

Flick, Uwe (2009). Desenho da Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed.

Fonseca, Teófilo (1987). O Concelho de Barcelos Aquém e Além Cávado. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos.

G

Guerra, Isabel Carvalho (2006) Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso. Lisboa: Principia.

Guerreiro, Manuel Viegas (1992). Literatura Popular Portuguesa Teoria da Literatura Oral/ Tradicional/ Popular. Lisboa: ACARTE Fundação Calouste Gulbenkian.

Guerreiro, Manuel Viegas (1983). Para a História da Literatura Popular Portuguesa (2ª Edição). Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.

I

Iturra, Raul (1997). O Imaginário das Crianças- Os Silêncios da Cultura Oral. Lisboa: Fim de Século Edições, LDA.

L

Lessard - Hérbert, Michelle; Goyette, Gabriel; Boutin, Gérald (2012). Investigação Qualitativa Fundamentos e Práticas (5ª Edição). Lisboa: Instituto Piaget.

M

Magalhães, Ana Maria & Alçada, Isabel (1992). Histórias e Lendas da Europa. Lisboa: Editorial Presença.

Magalhães, Ana Maria & Alçada, Isabel (2001). Portugal Histórias e Lendas (5ª Edição). Lisboa: Editorial Caminho.

Meireles, Cecília (1984). Problemas da Literatura Infantil (3ª Edição). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Meireles, Maria Teresa (1998). Contos e Lendas – Abordagem e Reflexão 2º Volume. Lisboa: Vega Escolar.

Mota, António (2006). De Barcelos Sei um Saco de Cantigas. Câmara Municipal de Barcelos. Publicação Biblioteca Municipal de Barcelos.

Moutinho, José Viale (2010). O Livrinho das lengalengas (6ª Edição). Porto: Edições Afrontamento.

O

Osório, Ana de Castro (1997). Contos Tradicionais Portugueses para as Crianças. Lisboa: Instituto Piaget.

Osório, Ana de Castro (1997). O Príncipe Luís e outras histórias. Lisboa: Instituto Piaget.

Osório, Ana de Castro (1998). Casa de Meu Pai. Lisboa: Instituto Piaget.

P

- Parafita, Alexandre (1999). *A Comunicação e a Literatura Popular*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Parafita, Alexandre (2010). *A Mala vazia e algumas histórias de tradição oral*. Lisboa: Plátano Editora.
- Parafita, Alexandre (2012). *Antropologia da Comunicação*. Lisboa: Âncora Editora.
- Parafita, Alexandre (2003). *Bruxas, feiticeiras e suas maroteiras*. Lisboa: Texto Editora.
- Parafita, Alexandre (2011). *Contos de Animais como contaram aos pais dos nossos pais*. Porto: Trampolim Editora.
- Parafita, Alexandre (2003). *Diabos, Diabritos e outros Mafarricos*. Lisboa: Texto Editores.
- Parafita, Alexandre (2010). *Património Imaterial do Douro – Narrações Oraís Volume 1 (2ª Edição)*. Lisboa: Âncora Editora.
- Parafita, Alexandre & Fernandes, Isaura (2007). *Os Provérbios e a Cultura Popular*. Vila Nova de Gaia: Galivro.
- Paz, Olegário & Moniz, António.(2004). *Dicionário Breve de Termos Literários*. Lisboa: Editorial Presença.

R

- Ribeiro, António Carrilho & Ribeiro, Lucie Carrilho (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino – Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

S

- Samaniego, Ana Svárez, Andión, Rosario Álvarez. (2006). *Lendas e Tradições do Caminho Português de Santiago*. Xunta da Galícia.
- Saraiva, Juracy Assmann (2011). *Palavras, brinquedos e brincadeiras- cultura oral na escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Soares, Luísa Ducla (2008). *Adivinhas (6ª Edição)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Soares, Luísa Ducla (2008). *Lengalengas (5ª Edição)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, Maria José & Baptista, Cristina Sales (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor – Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.

T

- Torres, José Ilídio (2011). *Lenda das Cruzes*. Câmara Municipal de Barcelos- Pelouro da Cultura: Gráfica Miadouro S.A.
- Traça, Maria Emília (1992). *O Fio da Memória Do Conto Popular ao Conto para Crianças (2ª Edição)*. Porto: Porto Editora.

Y

- Yin, Robert K. (2010). *Estudo de Caso Panejamento e Métodos (4ª Edição)*. Porto Alegre: Bookman.

Programas

Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo (4ª Edição). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Páginas web

Pires, Maria da Natividade (2010). Literatura Tradicional. E- Dicionário de Termos Literários Consultado em 21/06/2014, disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=931&Itemid=2